

REal SURREAL



Celebração do 64º Aniversário da
1ª Exposição de **"Os Surrealistas"**

Perve Galeria Alfama

27 Junho a 27 Julho



Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco, Exposição "... e o passeio do cadáver esquisito" | fotografia: Cabral Nunes, 2006

Súmula (revisitada)

A presente exposição, **Real-Surreal**, acontece num momento importante no percurso deste projecto, a que chamamos Perve Galeria desde o ano 2000: preparamo-nos para estrear um novo espaço, a Casa da Liberdade - Mário Cesariny, cuja construção nos tomou muita energia e dedicação, ao longo de 9 anos. É neste espaço, ainda em fase de pré-lançamento, que se apresenta o polo **Real** da exposição, abordando simultaneamente a 1ª exposição de "Os Surrealistas" e, em particular, a figura tutelar de Cesariny.

A **Casa da Liberdade - Mário Cesariny** abrirá portas, oficialmente, a 2 de Novembro, para assinalar os 7 anos volvidos sobre a exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco - e o passeio do cadáver esquisito", que a Perve Galeria realizou em 2006. Essa mostra assumiu especial relevância não apenas porque reunia obras dos 3 artistas (fundamentais na história do Surrealismo em Portugal) realizadas entre a década de 1940 e o ano da exposição, altura em que fariam um conjunto inédito de 12 *Cadavre Exquis*, mas porque acabou sendo a derradeira mostra de Mário Cesariny, que viria a falecer a 26 de Novembro desse ano.

Essa exposição marcava também o reencontro dos três artistas, então octogenários, após 55 anos de afastamento. Algo que, *de per se*, servia como exemplo de vitalidade criativa e sentido artístico. E vinha provar que a "Revolução Surrealista", proposta por André Breton no 1º Manifesto Surrealista (1924), continuava sendo a pedra de toque dos artistas que, em Portugal, abraçaram o Surrealismo na década de 40. Mais: mostrava que, apesar dos que tentavam silenciar essa funda necessidade de expressão, subconsciente em estado puro num processo de automatismo psíquico (e emocional), essa proposta de revolução permanecia actual, por libertadora e pacífica mas, sobretudo, porque enquadrada no campo das legítimas aspirações do indivíduo (e do artista, em particular) especialmente quando confrontado com a ditadura da (pseudo) vontade das massas.

Dos três autores que então expunham nessa mostra, Fernando José Francisco era o que menos teria sido divulgado junto do grande público (muito pelo facto de se ter afastado, voluntariamente, dos circuitos artísticos sem que, com isso, deixasse de pintar), contudo era, justamente, considerado por Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, desde há muito tempo, como o mais talentoso e promissor artista do grupo de autores que se juntaram em "Os Surrealistas" (1ª Exposição no salão da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, em 1949).

Como se pretende que esta mostra sirva também de evocação da que realizámos há 7 anos, deixo aqui o texto que, na época, escrevi para o catálogo, com a convicção de que continua actual e (espero) útil:

Pretendemos, com esta mostra, contribuir para dar visibilidade a autores que são fundamentais na criação contemporânea em Portugal e que, com o seu labor iniciado ainda na primeira metade do séc. XX, contribuíram de forma ímpar para abrir caminho a novas expressões e linguagens, factos mais do que reconhecidos dentro e fora do meio artístico. Sobretudo quando se atende ao valioso trabalho em prol da liberdade criativa.

A esse respeito, destaca-se aqui a colaboração generosa de três dos mais respeitados críticos de arte, através de textos que integram o catálogo da exposição. A saber, João Lima Pinharanda, Eurico Gonçalves e Perfecto E. Quadrado.

Por tudo isto parece-nos de inteira justiça prestar homenagem a estes artistas, em vida, sobretudo numa altura em que, apesar de todos terem passado a barreira dos oitenta anos de idade e de as condições físicas não serem as melhores, se juntaram, após décadas de afastamento, para realizarem na Perve Galeria uma tão maravilhosa exposição.

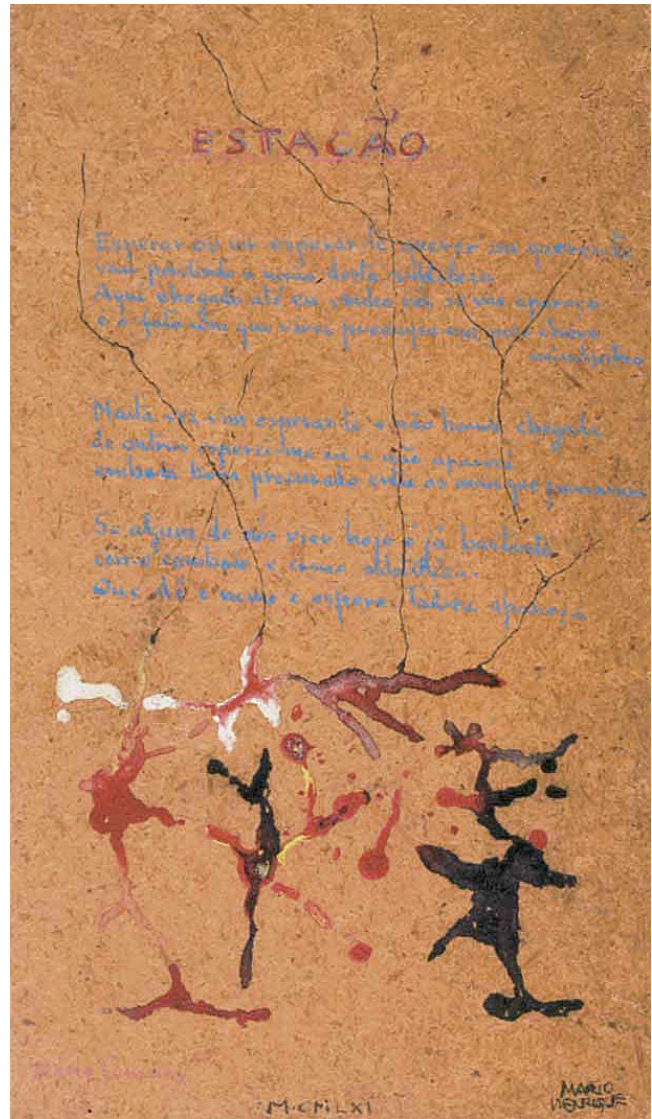
O passeio dos cadáveres - da Costa da Caparica à Praça Pasteur

A ideia de fazer uma exposição que reunisse os três fundadores de "Os Surrealistas" surgiu, mal comparando, como a maçã a Isaac Newton. Eles, Cesariny e Cruzeiro Seixas, haviam dito inúmeras vezes, cada um à sua maneira, que "de entre todos, o Fernando José Francisco, era o melhor", o que mais prometia vir a ser um grande artista mas que "para casar, teve de largar a pintura e arranjar um emprego a sério" e desapareceu.

Não mais se reuniram. Ouvia-os em separado e não fiz caso. Até que um dia, a maçã, ou melhor, a evidência acertou-me em cheio. Estava eu a editar os documentários que fiz sobre eles e, a dada altura, foi como se uma luz se acendesse ao fundo, não do túnel, do labirinto. Tanto Cruzeiro Seixas como Cesariny, que tanto discordam acerca de tudo ou quase, diziam exactamente a mesma coisa: "O Fernando era o melhor". Fiquei transtornado por o não haver pensado antes e decidi, nesse instante, procurar saber mais e, se possível, conhecer pessoalmente Fernando José Francisco. Não foi nada fácil mas valeu a dificuldade pois o primeiro quadro que vi em casa dele ("Ecce Homo") confirmou a suspeita de haver pintura séria, feita de verdade e surrealismo. Comecei por perguntar-lhe se queria fazer uma exposição. Disse-me: não. Voltei, passados dias, tornando a insistir. Não, que estava velho e doente, ouvia mal, via pior e sofria de asma crónica desde sempre. E eu a fazer-lhe ver que era importante sair da concha. Não. E daí a tempos: sim, quando lhe falei do projecto a três. Olhos iluminados, quando diz "com os meus amigos, gostava".

Isto, claro, só possível por primeiramente haver falado com os amigos dele e meus. Que me deram um sim munido de avisos de obra difícil: "o Fernando talvez não tenha voltado a pegar nas tintas e não haja nada" ou "talvez ele não queira voltar a expor".

Mas, se ele quisesse, "seria maravilhoso" (C. Seixas) e "única razão para voltar à pintura" (Cesariny). Ficou estabelecido. Iria haver exposição. Só tinha de tratar do resto. Não era pouco. Entretanto veio a ideia de celebrar o reencontro com "cadáveres esquisitos". Como não se sentiam com energia para encontros (custa tudo, desde o andar ao falar), poderia haver trabalho de grupo sem o grupo se reunir. Eu faria de estafeta e trataria de levar os cadáveres a passear (Verão, praia) à Costa



Cesariny & Mário Henrique Leiria, Estação - Cadavre Exquis
Técnica mista s/ madeira 29 x 15 cm 1961
CSY 111

da Caparica, ao encontro com Cesariny. Lá ficaram, à espera do toque afectuoso. Depois de completada a parte de um, logo tratava de a tapar, deixando apenas visíveis as pontas das linhas que outro se encarregaria de continuar. Entretanto, havia sido combinado que cada um iniciaria o mesmo número de cadáveres e, volta e meia, o número aumentava. Chegou aos doze e são magníficos. Apóstolos fieis e cumpridores: celebram a trilogia Surrealista de Liberdade, Amor e Poesia. Pude observar, por entre as dificuldades da octogésima casa solar ou lunar, que a arte não se extinguirá enquanto houver gente assim. Nem depois. Estas obras permanecem, para lá de nós.

Artur, Fernando e Mário: Obrigado por essa dádiva e pela confiança que depositaram nesta Galeria. Tentaremos sempre ser merecedores desse vosso gesto. Fica a promessa (agora, em 2013, talvez cumprindo-se na Casa da Liberdade).

Carlos Cabral Nunes | direcção Artística e curadoria
Novembro de 2006 / Junho de 2013



Mário Cesariny, por Eduardo Tomé, 1975

Cesariny, o Grande (Desconstrutor)

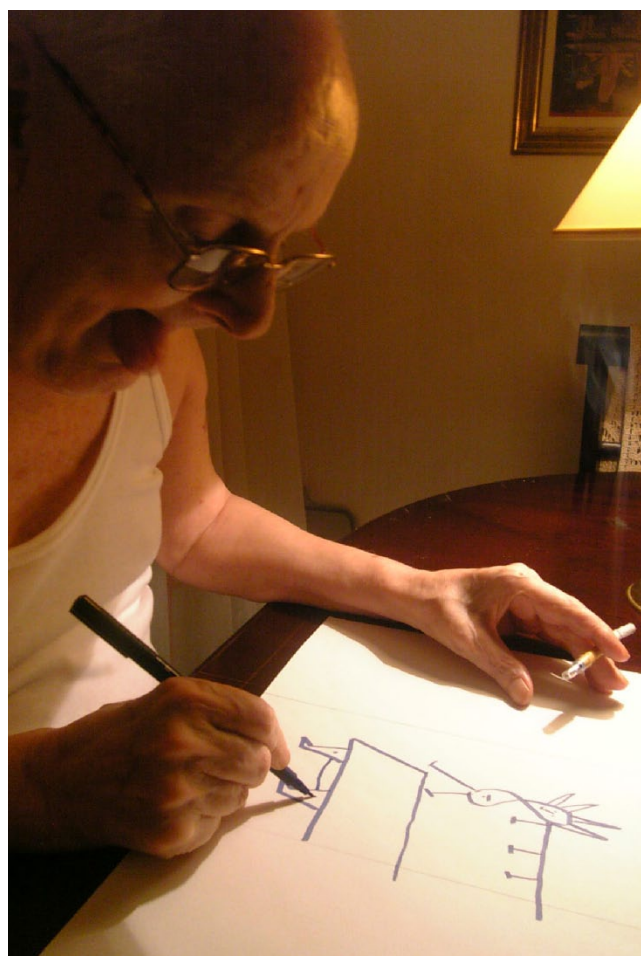
Se quisermos pensar em Mário Cesariny de Vasconcelos devemos figurar alguém que desconstrói, que baralha os dados, que nos deixa sem chão. Começou por si mesmo (como cabe aos heróis) e, num ritual exemplo de desmontagem do mundo, acabou dispensando o apelido paterno — trata-se de um sacrifício de amputação-libertação, como que uma cerimónia arcaica que o deixou livre para fazer aquilo que não era esperado fizesse: ser poeta e amar, vagar pelas cidades e gritar, olhar as linhas de águas do mar e pintar, pegar em objectos perdidos e dar-lhes um novo sentido.

São abundantes os exemplos visuais desta exposição que provam sem demora esta realidade. Embora a colecção da galeria possua muitas obras dos tempos iniciais (anos 40 e 50) a cedência de muitas delas para a exposição que presentemente se realiza em Madrid (Círculo de Bellas-Artes/produção Fundação EDP) deixa-nos aqui, quase só, com obras recentes. Dessas obras dos primeiros anos de actividade pode logo dizer-se que são obras finais — porque a juventude só o é como longo caminho de respiração. Das obras mais recentes, muitas surgem enfeitadas de um alo de leveza e jovialidade. Ambos os tempos transportam o segredo da maturidade, que não é alguma coisa que se alcance com esforço mas um sinal

que nasce com alguns. A maturidade não é séria nem alegre, não é densa nem solta, pode viver em todas as dimensões de um trabalho humano, mas vive em muito poucos humanos — é a marca da sabedoria e da alegria. Cesariny tem de tudo no seu corpo artístico: jocoso e épico, lírico e contestatário — poemas feitos de palavras simples e “assemblages” extremamente complexas, pinturas de uma só cor e linha e aquamotos onde tinta e água estabelecem redes de inextricáveis texturas, colagens de subtis truques visuais e linguísticos e pinturas onde os símbolos se oferecem a uma leitura iniciática.

Cesariny apresenta uma obra que se faz dos rostos e corpos que se viram e que se imaginaram, que se perderam e que se quiseram. O desejado, como imagem ideal do amado (cavaleiro ou vilão, rei ou marujo); e do amigo que a passagem dos anos matou — como matou a cidade, os seus cafés, a sua poesia, os seus eléctricos...

São iconografias pessoais construídas, entre textos e imagens, em redor de heróis e anti-heróis, desejados e rejeitados e de novo desejados e rejeitados. O mais notável ícone, de significativo peso histórico, é a pequena escultura pintada de um “Fernando Pessoa Ocultista” (veremos que também poderia ser um “memento mori”), poeta que Cesariny se encarregou de desmitificar (simplificar) para melhor o poder entender (louvar) — não na sua dimensão racionalista mas ocultista. O modo como dois corpos (de facto, um, é apenas um meio-corpo: pernas e cintura) se interpenetram e terminam em sugestão ascensional (glosando o tema da coluna-infinita) e o modo como o caderno de desenhos que lhe surge associado vai esclarecendo o evoluir do pensamento-imaginação visual do autor, inicia-nos numa experiência plástica e intelectual notável.



Mário Cesariny, fazendo um Cadáver Esquisito | por Cabral Nunes, 2006

No extremo oposto temos a forma-informe de um “Viriato”: o barro atirado e a madeira encontrada ajudam-nos a imaginar a figura onde nada existe e remete-nos para as experiências mais radicais do autor — o momento em que, nos anos de 1946/7 a 1950/52, realizou alguns dos mais importantes exemplos de heterodoxia surrealista no conjunto das artes visuais internacionais.

Entre o formalismo estilizado proporcionado pela concretização de uma ideia (Fernando Pessoa) e a exploração do “informel” (exemplificada por “Viriato”) temos o arcaísmo das suas composições centralizadas, onde o rosto é enquadrado numa vinheta, onde as figuras criam simetrias só desequilibradas pelas matérias, cores e temas: colagens e pinturas sobre cartão que podem ser trágicos Cristos espanhóis ou delicadas variações da “Menina Poesia”, uma alegoria de purificação que se descobre logo em desenhos muito antigos (anos 50) e sobrevive e se desmultiplica até agora.

De Cesariny apresentam-se obras em que enfrenta a morte com a displicência de quem ama a vida e o temor também de quem ama a vida. E o seu atelier imaginário enche-se de portas “para uma realidade paralela”, de lições de sabedoria última onde não pode faltar nem uma “arte de morrer” nem um “memento mori”. São coisas feitas de pedaços de vidas esquecidas, encontradas e desencontradas, de amigos que se esquecem dos sapatos (Francisco Aranda), de recortes de necrologias e primitivos instrumentos de música erguidos em elementos de brasão. Também uma “memória para José Escada” se pode entender como monumento póstumo e, ao mesmo tempo, esclarecer-nos acerca da tarefa de acaso e minúcia que é para Cesariny apanhar o lixo urbano (por exemplo, embalagens de fruta e de electrodomésticos) para deles retirar (ou neles colocar?) todos os sentidos de um pensamento interessado em falar da vida e de si mesmo através da morte e dos outros.

De Cesariny apresentam-se obras de peças roubadas em “altares”. São altares sacrílegos devidos, não a qualquer vocação religiosa mas a uma inevitável vocação de mistério e transcendência que faz admitir à mesa da ceia o falhado “assassino do papa” (Padre Khron) ou os inocentes “pastorinhos”, que concebe um pequeno altar azul sem imagens (apenas como estrutura arquitectónica) ou, numa associação escultórica (quase, também, uma escultura tumular), uma “Homenagem a Bocage que protestou pela morte de Maria Antonieta, rainha de França” — aqui, o título transforma em trágico o que poderia parecer uma brincadeira (assemblage de um casco de tartaruga, recuperado de forma kitsch, com uma cabeça de boneca). Ou, finalmente, concebe o que podemos configurar como tesouro roubado, relíquia de um santo ou sinais de um pecador: o anel e o alfinete que, na juventude, Cesariny desenhou e realizou na oficina de ourives de seu pai e que, na idade adulta, rejeitada a profissão que a tradição familiar lhe oferecia como herança segura, montou num suporte icónico: homenagem à negação de um futuro que não quis.

De Cesariny apresentam-se obras onde visualidade e poesia, imagem e palavra, não se separam nem se distinguem criando naquilo a que uma obra pode dar título: “uma combinação perfeita”. Este aproveitamento de uma prova tipográfica rejeitada (só com passagem de azul) sugere um poema visual com a simplificação quase oriental de todos os seus poemas visuais (iniciados em 1947 em Paris sob influência de Victor Brauner). Podemos seguir outros exemplos próximos (com colagens) em “first signs of fear” ou “limpam Veneza” ou “homens sexuais”. Ou completá-los com outros cujo sentido caligráfico é dominante (“primeira lição” e “3,1416”) e estabelece uma rede de linhas ornamentais onde a displicência se torna sofisticação.

Dois casos particulares nos podem deter: um estudo para azulejos em homenagem a John Lenon, onde os textos originais se inscrevem em caracteres tipográficos (máquina de escrever) e de modo livre mas controlado na grelha dos azulejos; e um poema-visual “memento mori” e altar (tudo ao mesmo tempo), dedicado a Antônio Maria Lisboa, herói também (pessoal e de uma geração inteira de surrealistas), onde o precocemente desaparecido poeta se proclama “a terceira meia-noite dos dias que começam”.

De Cesariny apresentam-se obras onde o desejo de entendimento do que se oculta nos “dias que começam” se entende como desejo de figurar visões de futuro como visões do destino nacional. Aqui se enquadra a ideia (entendida como paixão e como desmistificação da paixão) sebastiânica de uma colagem (repetindo uma outra, de 1969, onde um longo texto inserido no verso nos explica o destino português) espelhando a fachada neo-manuelina do Museu de Marinha, em Lisboa, assim transformado em “Astronave portuguesa” capaz de concorrer (num passado que é futuro) com a nave americana que acabara de pousar na superfície lunar.

O que a História havia de provar (a originalidade e precocidade da sua obra plástica, e plástica-verbal, no contexto nacional e internacional), julgo estar já definitivamente alcançado. De Cesariny apresentam-se aqui obras que nos iniciam numa intensa arte de viver ou numa intensa recordação da vida, que nos libertam de todos os sinais do medo e nos limpam, corpo e alma, para as noites que começam. Desconstruir é a sua maneira própria de construir. Percebemos assim, que qualquer pequena amostra do seu trabalho é sempre uma primeira lição de infinito, uma porta de entrada num mundo paralelo onde a liberdade é o único bem e único dever — única autoridade, diria ele.

João Lima Pinharanda | *texto incluído no catálogo da exposição “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco - e o passeio do cadáver esquisito”, Outubro de 2006*



Mário Cesariny, por Eduardo Tomé, 1974



Homenagem a Franz Marc, Óleo s/ almofada de tecido (pintura no verso) 40x60 cm 1982 | CSY 32



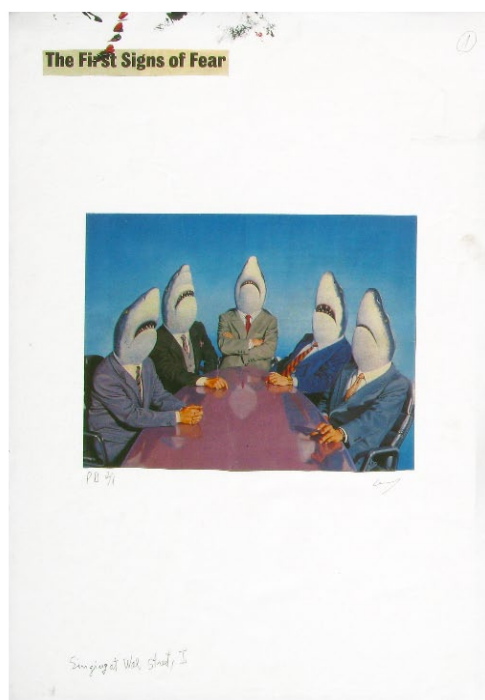
Offrez-vous l'incompara-ble Colagem s/papel vegetal colado em cartão 27.7x21 cm 1964 | CSY 80



Homenagem a Mário Henrique Leiria, Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982 | CSY 30



Sem título, Óleo s/ almofada de tecido 40x60 cm 1982 CSY 29



The first signs of fear, Díptico com colagem s/ papel 100x60 cm n.d. CSY50



Mário Cesariny



Homenagem a um Deus desconhecido Escultura - objecto 32,5x41x30 cm
CSY 97



Autografia Técnica mista s/ tela 51x60 cm
CSY 100



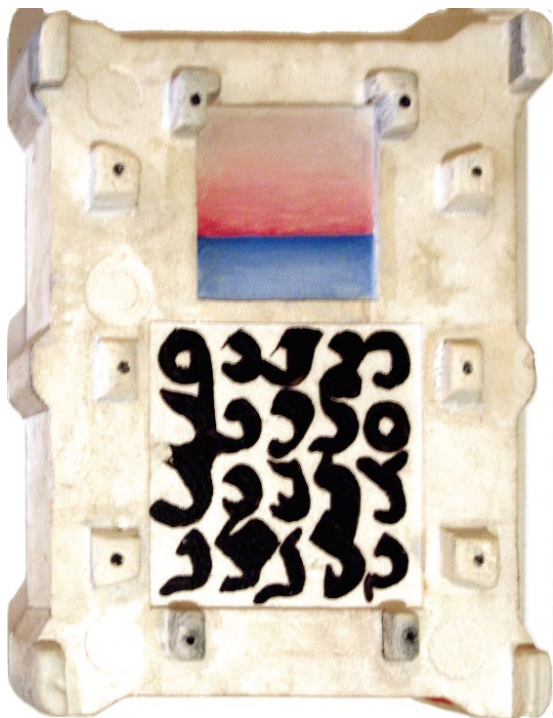
Série "Passagem para a Índia", Mista s/ Papel 29x21 cm 1999
CSY 133



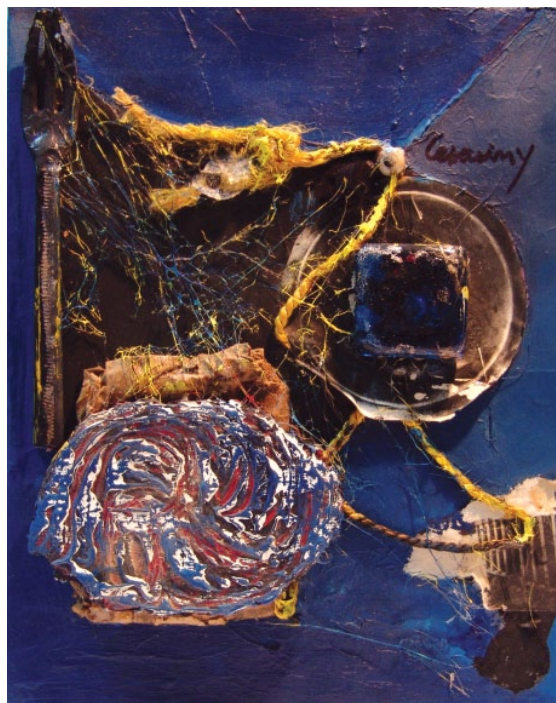
Sem título, Técnica mista s / madeira 15x42 cm 1969
CSY 138



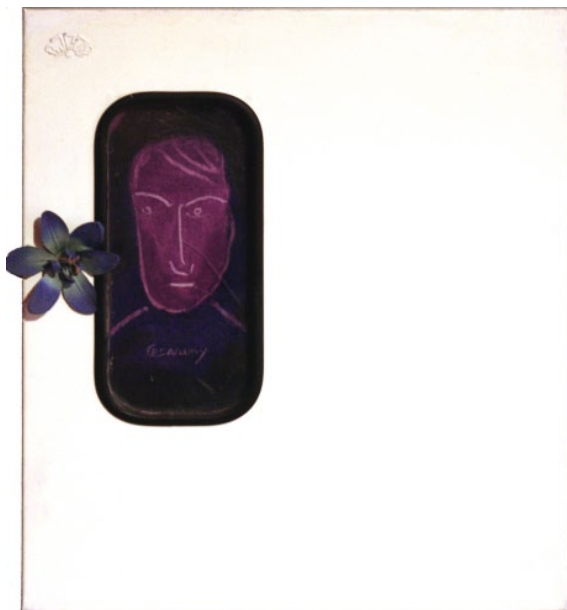
Sem título, (Obra que integrou a 1ª Exposição "Os Surrealistas" em 1949) Técnica mista s/ cartão 47x60 cm 1948
CSY 141



Memória para José Escada
Técnica mista s/ tela 34x25x7 cm 1999
CSY 15



Concreção (Capa p/ o livro "A verticalidade e a chave" de Antônio M. Lisboa)
Técnica mista sobre madeira 28x24 cm circa 1950
CSY 56



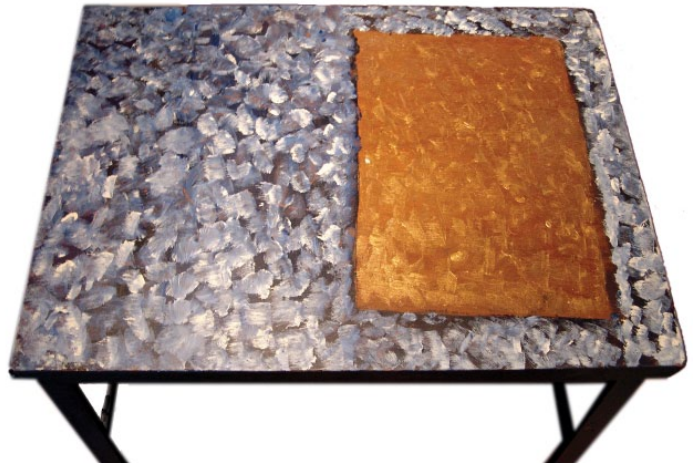
Le roi se meure, Técnica mista s/ metal (frente e verso) 41x 36 x1 cm 2004
CSY 13



Mário Cesariny



Sem título, caneta s/ papel 19,5x13 cm c. 1969
CSY 137



Sem título Técnica mista s/ madeira (mesa de viagem) 50x70 cm
CSY 16



Retrato de Manuel de Lima Técnica mista s/ platex 32x22x2 cm 1999
CSY 22



The mirror Mista s/ madeira 30x50 cm 2001
CSY 3



O homem que quis matar o Papa Técnica mista s/ tela 24x18 cm
CSY 46



Fernando Pessoa ocultista
Múltiplo em bronze P.A.
31x11x13 cm
1957/81
CSY 009-2



Memento mori Técnica mista s/ tela 60x35x8 cm 2002
CSY 14



O tudo, Técnica mista s/ papel 30x15 cm 2001
CSY 53



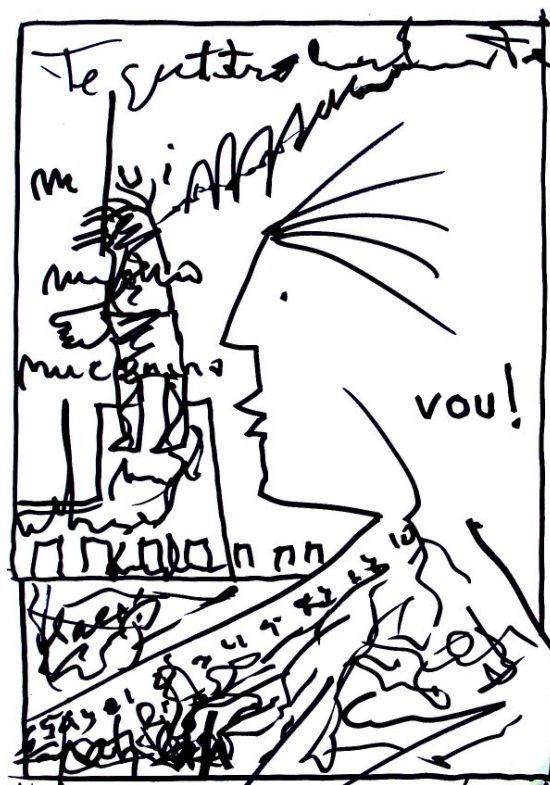
Protectora da fertilidade
Poema-Objecto-Assemblage
c/ Esculturas da Guiné e Azteca
90x34x28 cm
CSY 101



3.1416 Marcador e óleo s/ papel 50x30 cm
CSY 48



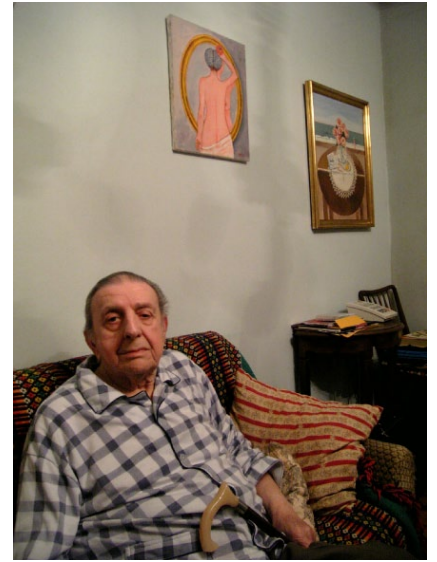
A primeira lição Marcador, s/ papel 50x30 cm
CSY 54



Vou ! Marcador s/ papel 50x30 cm
CSY 55



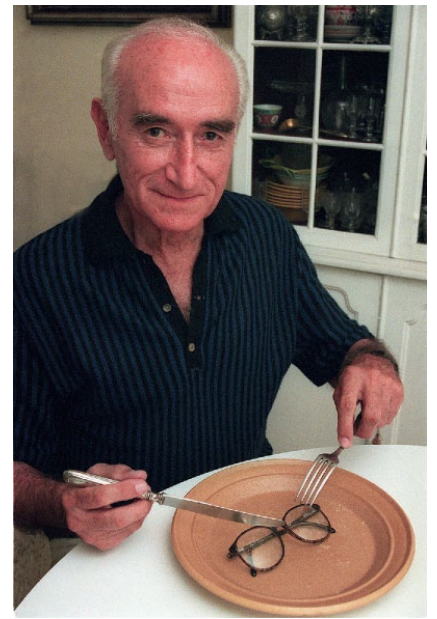
Os Surrealistas, Cesariny, M. H. Leiria, A. M. Lisboa e C. Seixas, 1949



Fernando José Francisco



Cruzeiro Seixas, Emília e seu marido Fernando J. Francisco e Antônio Paulo Tomaz



Cruzeiro Seixas



Cruzeiro Seixas, Mário Henrique Leiria, Natália Correia e Mário Cesariny



Mário Cesariny, por Eduardo Tomé 2004



Sem título, Tinta da China S/papel, 18x24 cm - 1952
PT7



António Paulo Tomás e Cruzeiro Seixas, Sem título, Tinta da china e guache s/papel, 21x27,5 cm
PT2



Torcionário depondo troféus no altar da pátria, Aguarela s/papel, 56x71 cm - 1974
AQ2

António Paulo Tomás



Sem título, Tinta da china s/papel, 20x14 cm
PT8



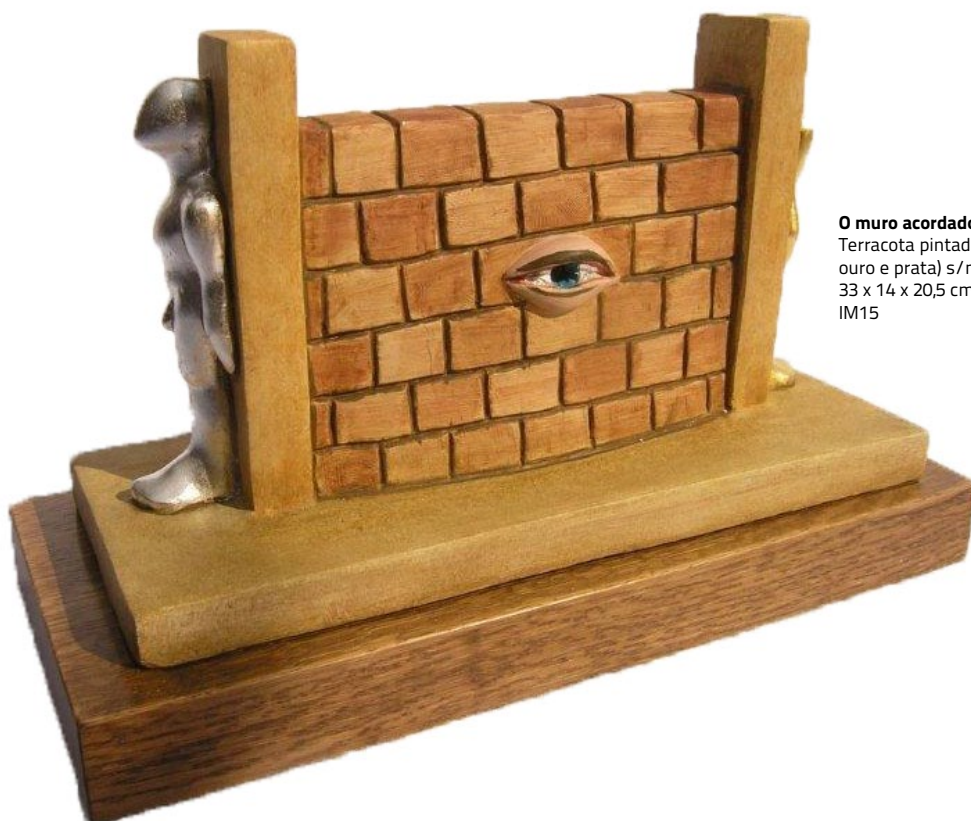
Sem título, (c/ desenho no verso) Tinta da china s/papel, 20x14 cm
PT6



Sem título, Mista s/papel, 65x47 cm - 1967
AR1

Cadavre "trop exquis"

Terracota pintada (folha de
ouro e prata).
22 x 18,5 x 22 cm, 2010
IM22



O muro acordado

Terracota pintada (folha de
ouro e prata) s/ madeira
33 x 14 x 20,5 cm
IM15

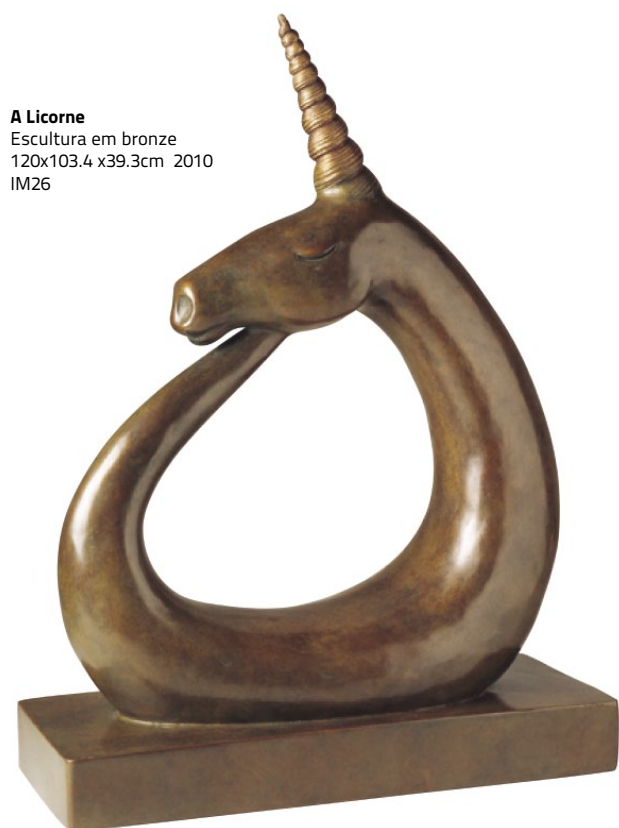
Isabel Meyrelles



Le bourgeois
Escultura Terrcota (Colecção
Cruzeiro Seixas)
19x12x8 cm, 1971
IM25



**O olho de gato
de Mário Cesariny**
Terracota pintada
s/madeira
16.5 x 24 x 20 cm
IM04

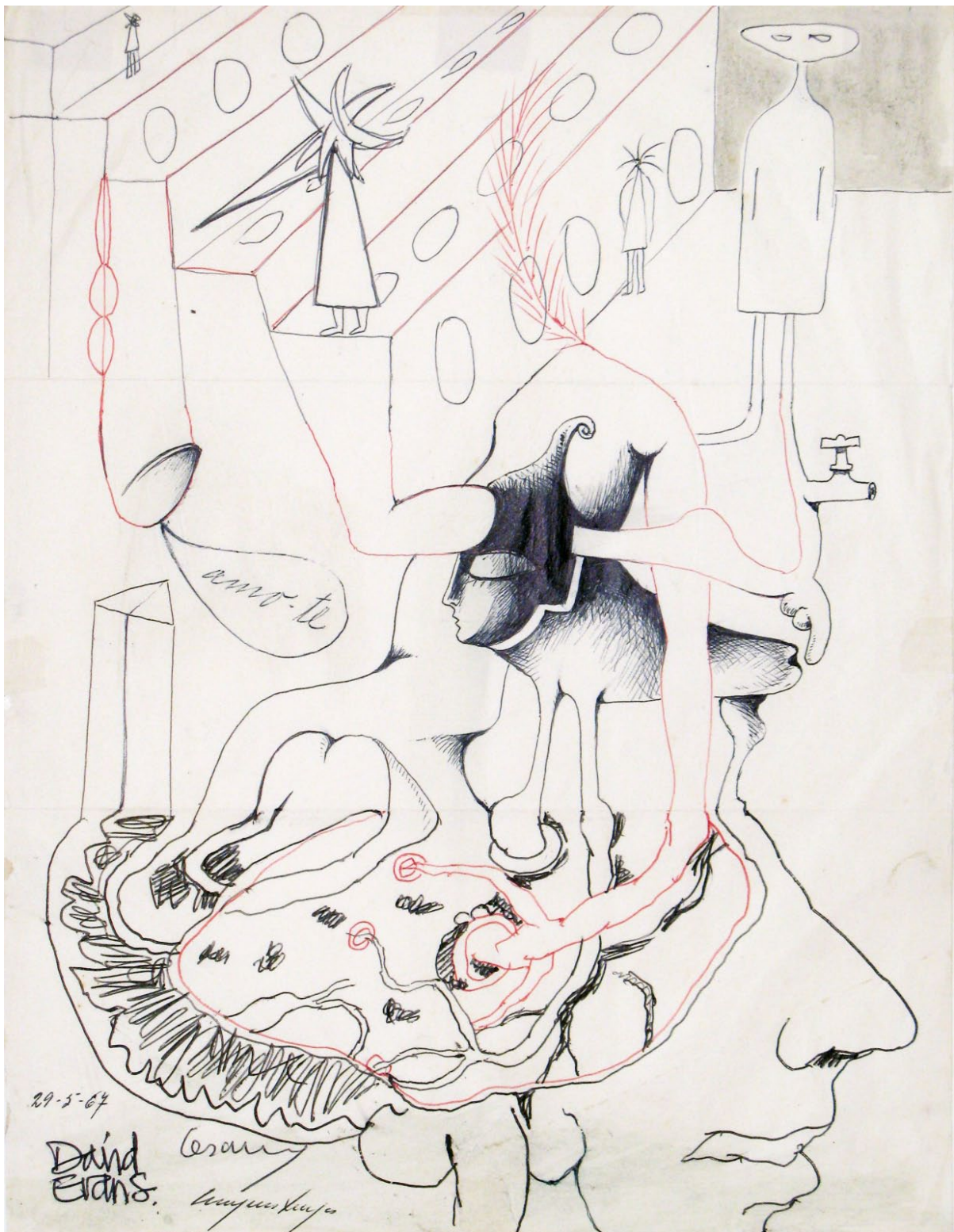


A Licorne
Escultura em bronze
120x103.4 x39.3cm 2010
IM26



O Vigia
Escultura em bronze
109.5 x 87.5 x 44 cm 2010
IM25

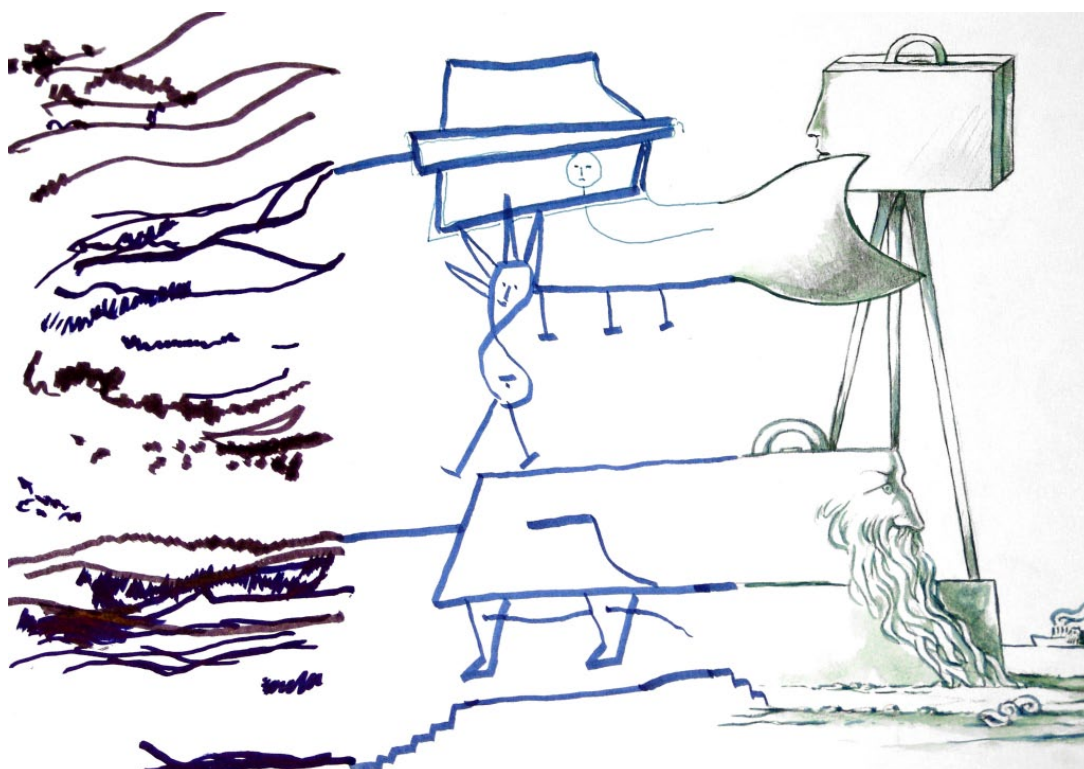
Cadavre Exquis
Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e David Evans



Cadavre Exquis, Tinta da china e esferográfica s/ papel 27,5x20,5 cm 1967
CESQ_CYS_CS_DE



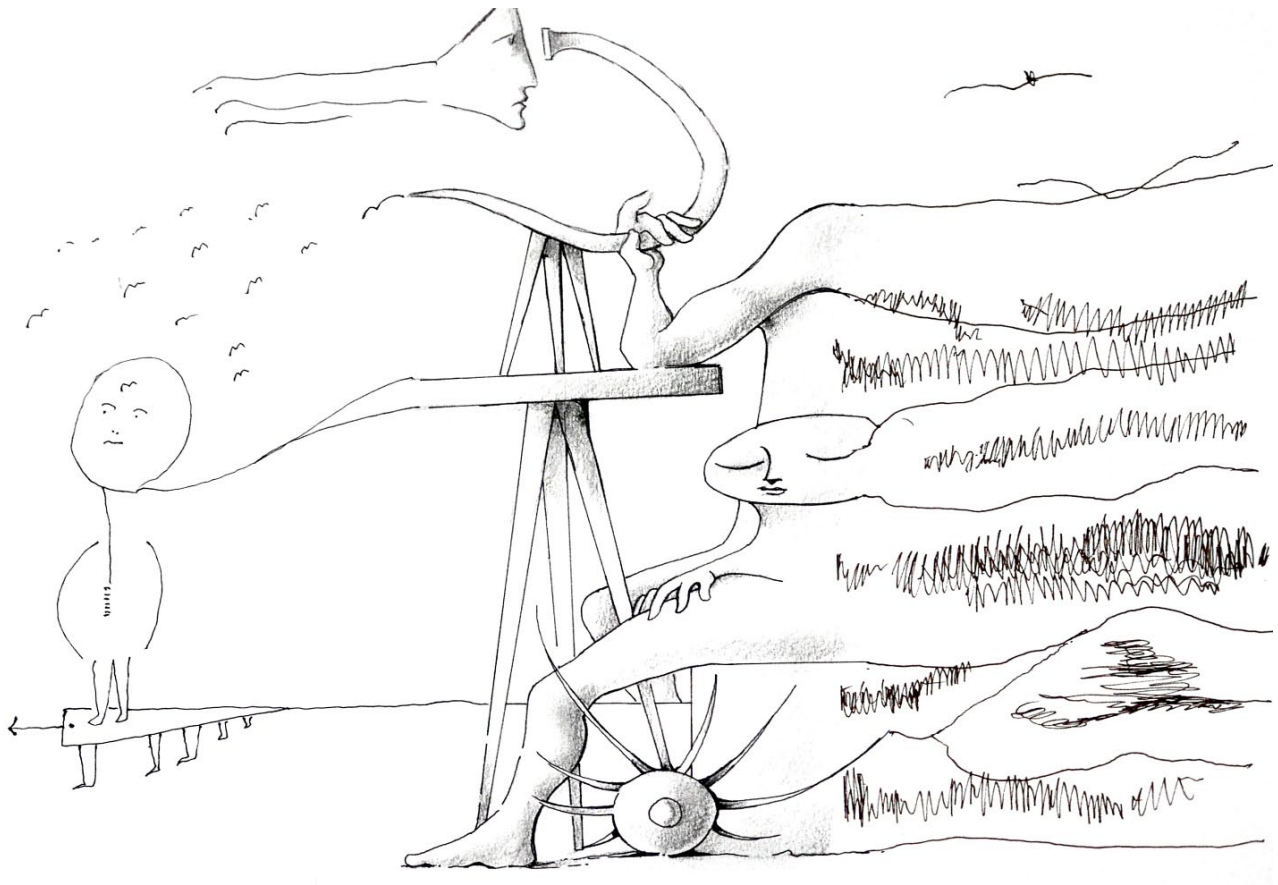
Cadavre Exquis (assinaturas no verso)
Técnica mista s/ papel 25,5x35,5 cm 2006
CESQ CS2



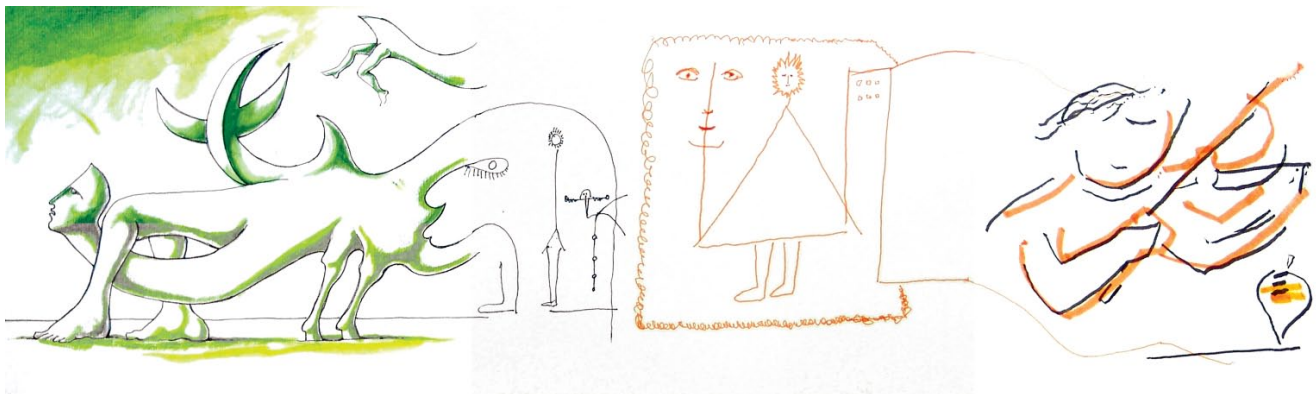
Cadavre Exquis (assinaturas no verso)
Técnica mista s/ papel 31,5x41 cm 2006
CESQ C2

Cadavre Exquis

Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco



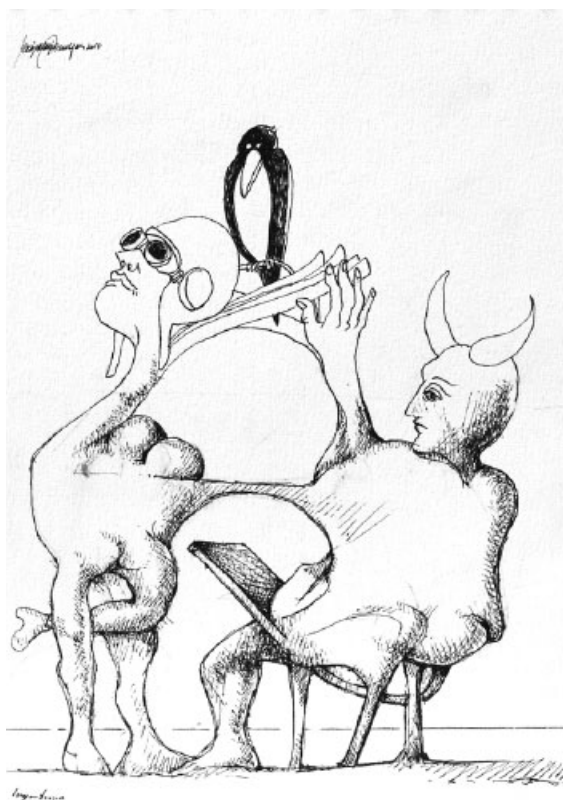
Cadavre Exquis (assinaturas no verso)
Técnica mista s/ papel 31,5 x 41 cm 2006
CESQ C1



Cadavre Exquis (assinaturas no verso)
Técnica mista sobre papel 20x70 cm 2006
CESQ CS4b



Cadavre Exquis Técnica mista sobre papel 21x28,9 cm 2010
CESQ CS BM01



Cadavre Exquis Tinta da china s/ papel 21,2x29,2 cm 2010
CESQ CS BM02



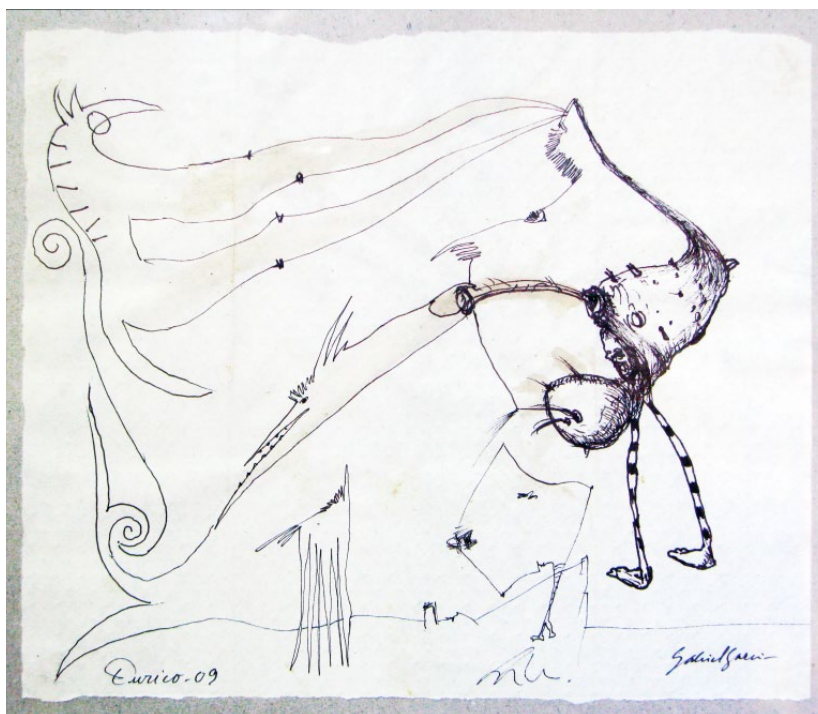
Cadavre Exquis Técnica mista s/ papel 21,2x29,2 cm 2010
CESQ CS BM04

Cadavre Exquis
Cabral Nunes, Eurico Gonçalves e Gabriel Garcia



Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 64,5x30 cm 2009
CESQ 2 AG02

Cadavre Exquis *Cabral Nunes, Eurico Gonçalves e Gabriel Garcia*



Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 15x19 cm 2009
CESQ 2 AG05

Cadavre Exquis *Cabral Nunes, Eurico Gonçalves, Gabriel Garcia e Nuno Espinho*



Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 31,5x32 cm 2009
CESQ 2 AG03

Cadavre Exquis
Cruzeiro Seixas, Mário Botas e Fernando José Francisco



Cadavre Exquis Técnica mista s/ papel 31x24 cm
CESQ CS MB FJF01



Cadavre Exquis Técnica mista s/ papel 21,5x30 cm 2010
CESQ ALCS10



Cadavre Exquis Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2010
CESQ ALCS09



Cadavre Exquis Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2010
CESQ ALCS11

Cadavre Exquis ***Alfredo Luz e Cruzeiro Seixas***



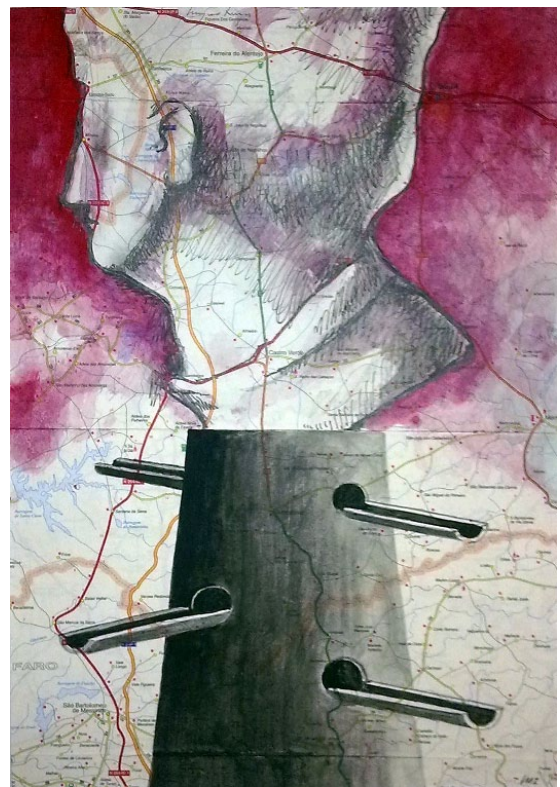
Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2009
CESQ ALCS 1



Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2009
CESQ ALCS03



Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2009
CESQ ALCS 4



Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 21x29 cm 2009
CESQ ALCS 5

Cadavre Exquis
Cruzeiro Seixas, Gabriel Garcia
e Cabral Nunes

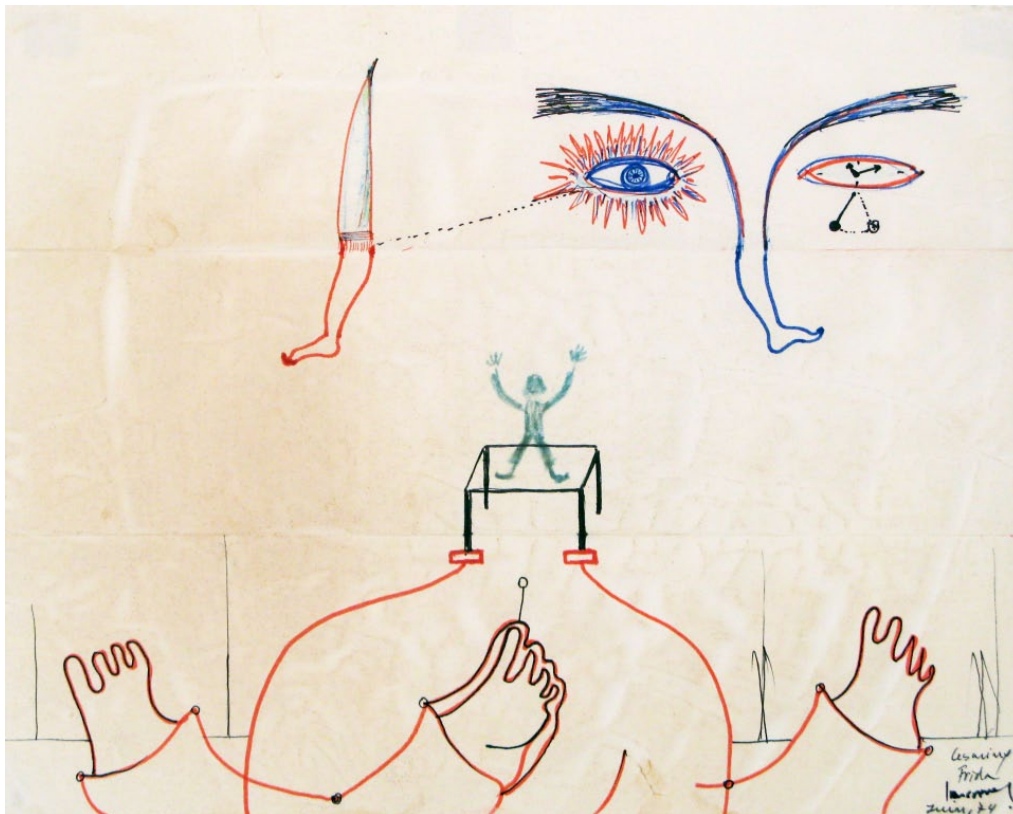


Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 20x40 cm 2009
CESQ CSL CS CNU01



Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 25x36 cm 2009
CESQ CSL CS CNU02

Cadavre Exquis *Mário Cesariny, Laurens Vancrevel e Frida*



Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel 21x27 cm 1974
CESQ CYS LV FD

Cadavre Exquis *Cruzeiro Seixas e Gabriel Garcia*



Cadavre Exquis, Tinta da china e aguada s/ papel 21x50 cm 2009
CESQ CSL CS01

Cruzeiro Seixas

O Farol inextinguível do Surrealismo Amor-Poesia-Liberdade

Ao longo de várias décadas de intensa actividade surrealista, como se o encontro consigo mesmo e com o mundo não se esgotasse nunca, o pessoalíssimo vocabulário figurativo de Cruzeiro Seixas aprofundou-se e enriqueceu-se no modo meticuloso como o domina na linguagem que inventa e reinventa, a todo o momento. O artista não perdeu a capacidade de deslumbramento, ao iniciar-se, todos os dias, na aventura poética que assume como um ritual, que consiste em escrever e re-escrever, desenhar e redesenhar o mesmo poema, em várias versões.

E não serão a vida e a obra do pintor a demonstração plena dessa capacidade de deslumbramento, convertida em ritual?

O fascínio da juventude prevalece na memória dos mais velhos como um farol inextinguível, que ilumina o percurso da sua longa experiência vivida, cuja maturidade, concretizada em obra de arte, remete para a eternidade o que à eternidade pertence.

Cantar o amor é sonhar em voz alta.

Silenciá-lo é desfalecer ou morrer.

Mas é a voz do poeta que se faz ouvir para além de todos os obstáculos.

Nisso, os deuses invejam os génios que, decididamente, não receiam a morte, aceitam-na com naturalidade, quase se enamoram dela ou mantêm com ela relações de cumplicidade...

"JÁ NÃO SOU EU QUE TENHO MEDO DA MORTE. É AO QUE PARECE A MORTE QUE TEM MEDO DE MIM" – Cruzeiro Seixas, "OS GÉNIOS SÃO IMORTAIS" – Dali.

O que, na juventude, estava demasiado próximo para ser verdade, agora é a distância do tempo que celebra a verdade dessa juvenil experiência única.

O que, para o autor, é a memória afectiva de factos vividos, para muitos de nós, que olhamos os seus desenhos, como se os víssemos pela primeira vez, com os olhos limpos de preconceitos, é a linguagem universal do desejo que nos emociona e nos transcende. As suas figuras adquirem o carácter obsessivo de sonhos que se prolongam e se reflectem com subtis variações.

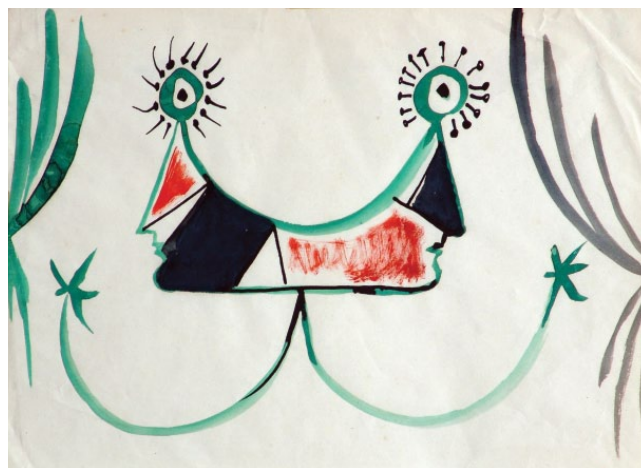
O poder metafórico da imagem poética aceita todas as interpretações e não se satisfaz com nenhuma.

Nos desenhos de Cruzeiro Seixas, a linha do horizonte, sendo longínqua e baixa, faz-nos sentir que olhamos tudo de um ponto de vista muito alto. Temos a sensação de pairar vertiginosamente. A infinitude espacial abrange o deserto, o mar e o céu.

À terra, água e ar, o pintor acrescenta o quarto elemento, o fogo, que simboliza a paixão ou o amor incendiário, tão persistente nos seus desenhos como nos seus poemas:



A noite sem fim, Têmpera e tinta da china s/ papel 43x30,5 cm 1977
CS 144



Sem título, Técnica mista s/ papel 20x30 cm circa 1940
CS100

"EU FALO EM CHAMAS"

"FALO DA SOMBRA DE UM CAVALO-AQUEDUTO"

"FALO TAMBÉM DA BARCA NAUFRAGADA,
ABANANDO AS SUAS GRANDES ASAS COMO REMOS"

"TUDO ESTÁ PARA SER DEVORADO PELAS CHAMAS"

"LÁ ONDE O NEGRO SÉMEN DO MUNDO SE GERA NO MAIS PROFUNDO DOS VULCÕES"

É aí que tudo se transfigura.

Para Cruzeiro Seixas, os poemas que diz de-côr são as suas orações. A Poesia habita-o, tal como o Sonho, o Amor e a Liberdade.

A sua mensagem poética radicaliza-se na revolta que, através da audácia da imaginação, subverte a lógica para afirmar mais livre e plenamente a sensualidade de corpos alados, em paisagens do infinito.

"O CORPO É A PAISAGEM QUE A MOLDURA NÃO CONTÉM"

"O CORPO É COMO O CÉU, INFINITO"

Os seus desenhos, como os seus poemas, são "SONHOS A EMPURRAR OUTROS SONHOS PARA O ABISMO".

A toada do discurso poético não diverge da que imprime nos seus desenhos. Em ambos os casos, sobressaem originais subtilezas, como as rimas gráficas e verbais na convergência de elementos díspares. Tal se deve à prática do cadavre-exquis verbal e gráfico, que explora o acaso e a livre associação de imagens.

Nos jogos de "perguntas e respostas", todas as respostas são válidas para todas as perguntas e vice-versa. Assim nasce a Poesia. É o carácter imprevisível do confronto das ideias e das imagens que surpreende e estimula o pensamento divergente, ilógico e subjectivo, complementar do pensamento convergente, lógico e objectivo. Mais do que a tentativa de equilíbrio ou harmonia entre a razão e o instinto, o real e o imaginário, o objectivo e o subjectivo, a regra e a emoção, importa a FUSÃO DOS CONTRÁRIOS, preconizada pelo Surrealismo.

Os desenhos de Cruzeiro Seixas devem muito às suas colagens e vice-versa. Ambos jogam na disparidade dos elementos, deslocados do seu contexto habitual. Tal sucede, por exemplo, no excelente desenho-colagem-ocultação, intitulado "FALSAS APARIÇÕES A QUE ALUDE KAFKA", 1995.

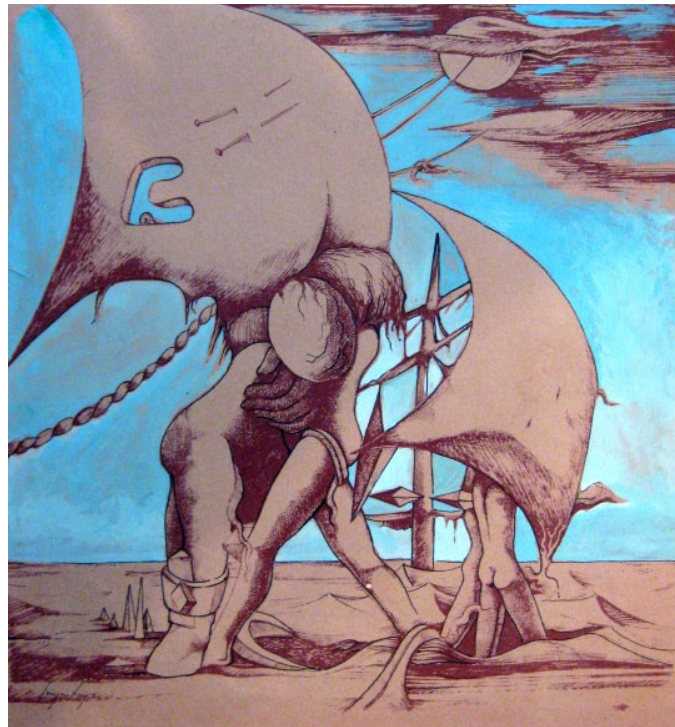
O teatro que aqui se representa é a exaltação do desejo de corpos entrelaçados, associados a objectos, tendo como fundo, inevitavelmente, a noite.

"A NOITE LOUCA; A NOITE COM ÁRVORES NA BOCA" – Cesariny.
"A TRANSCENDÊNCIA VEM DA NOITE QUE JÁ NÃO HÁ POIS É TUDO DIA ESCURO" – Cruzeiro Seixas.

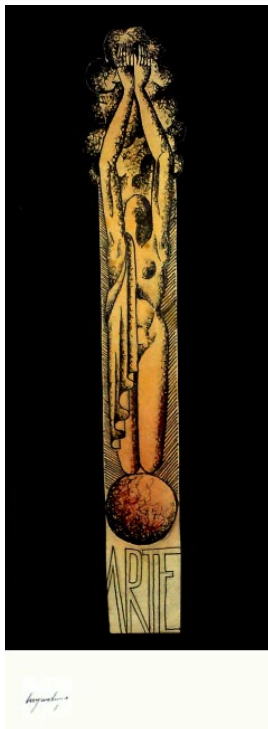
Nos seus desenhos e colagens, quantos pássaros iluminados emergem da noite obscura!?



Sem título
Escultura em Bronze (3/7)
46x12,7x9 cm
2011
CS108



Sem título, Têmpera e tinta da china s/ papel 30,5x32,5 cm circa 1960
CS 122



Arte, Tinta da china e Têmpera
s/ papel 25x6 cm circa 1940 | CS102



Um farol, Tinta da china s/ papel 47x44 cm circa 80
CS 85

Quanta luz redentora emerge da treva!?!...!

Cruzeiro Seixas mergulha fundo na noite mágica do desejo incandescente que, impetuoso, eleva o eros acima da realidade.

Nada o impede de pairar e de voar, mesmo sem asas...

No "Harém", por detrás do muro, na ânsia de amar, quantos braços se erguem na direcção da lua?!...

A espiral é o movimento contínuo que percorre o corpo do cavalo e do cavaleiro; é o búzio, o corno retorcido, a flor e o ornato. A espiral surge na curva da asa, no alongamento do pescoço, na ondulação dos cabelos, nas nuvens, no mar, na viagem sem regresso...

Tal como uma jóia rara de obsessivo ritmo curvilíneo, múltiplas espirais preenchem o ornato barroco de fantasia infinita. Nesse labirinto de viagens imaginárias se desvendam rostos simétricos de "FIDALGOS NAVEGADORES", 1948.

Prontos para partir em embarcações improvisadas, seres alados com corpo humano e cabeça de pássaro lêem o "TELEGRAMA" da última hora.



Sem título, Joia em Prata e zircão Prova Única 7x9x1 cm 2010 CS 164

OBJECTOS SURREALISTAS

Os objectos surrealistas de Cruzeiro Seixas são únicos e irrepetíveis, de uma singularidade absoluta, que fascinam pela sua presença mágica, pela sua irreverência dádá e pela sua "estranheza inquietante", na verdadeira acepção freudiana.

Um pão cortado ao meio e dois olhos de vidro são dois pássaros juntos, contemplando a lua azul na noite negra, em "O PÁSSARO PI E LOPLOV EM HOMENAGEM A MAX ERNST E GRANELL".

Pedras roliças ou seixos com buracos, que são boquinhãs abertas de meninos do coro, em "ORFEÃO DA MINHA ESCOLA".

Emoldurado, o "BILHETE DE METROPOLITANO QUE PERTENCEU A FERNANDO PESSOA" é um exemplo de sacralização do efêmero; atitude dádá que Cruzeiro Seixas assume, ao elevar à categoria de obra de arte uma lata de conservas de carapaus lusitãs, com o título "OBJECTO TRÁGICO-MARÍTIMO".

Um osso esburacado adquire a configuração de nu feminino, em "VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA".

A propósito, Cruzeiro Seixas escreve:

"A ARTE DEU-NOS A GIOCONDA, A VITÓRIA DE SAMOTRÁCIA, O GRECO OU OS IMPRESSIONISTAS...MAS A OBRA PRIMA, A COISA MAIS BELA DO MUNDO DESDE QUE O MUNDO É MUNDO DEVE SER AMAR E SER AMADO, O AMOR E A ARTE SUBLIME DE NOS METAMORFOSEARMOS".

"L'Opreteur" – Retrato de Salazar, 1950 – objecto surrealista com torneira que não verte, esfera negra dilatada ou bexiga cheia, e o penacho da política de fachada do Estado Novo, cuja imagem surge, à escala gigantesca, numa fotomontagem onde figura o Retrato de Cruzeiro Seixas ao volante de um descapotável, em 1974. "OS MEUS DOIS AUTOMÓVEIS", título desta fotomontagem

de dois retratos, correspondentes a duas épocas opostas: uma mais antiga e sinistra, a de repressão; e outra mais recente e esperançosa, a de liberdade, antes e depois do 25 de Abril.

ENCONTRO COM ÁFRICA, ARTE PRIMITIVA E ARTE BRUTA

A intervenção pictórica em "ESTEIRA AFRICANA", 1953, reporta-se ao encontro de Cruzeiro Seixas com África, "um amor inteiramente correspondido", segundo as suas próprias palavras.

Precisamente nesta data, em 1953, Mário Cesariny declarou: "ÁFRICA É O ÚLTIMO CONTINENTE SURREALISTA, TUDO O QUE ANTECEDE, COMBATE OU ULTRAPASSA A INTERPRETAÇÃO ESTREITAMENTE RACIONALISTA DO HOMEM E DOS SEUS MODOS TEM A VER COM UM SENTIDO SURREALISTA DA VIDA. ÁFRICA GOZA DO PRIVILÉGIO RARO DE NÃO TER PRODUZIDO NEM O CARTESIANISMO NEM NENHUM DOS SISTEMAS DE PENSAMENTO E ACÇÃO BASEADOS EM UNIVERSOS DE CATEGORIAS. ÁFRICA CONHECE UM MITO QUE NÓS IGNORAMOS. JULGAMO-LA ADORMECIDA NO PASSADO E ESTÁ TALVEZ PERFAZENDO O FUTURO"

Além da Arte Primitiva, que tanto o fascina, Cruzeiro Seixas é um descobridor de "Naifs" da chamada Arte Bruta, praticada pelo homem comum, pela criança antes de ser escolarizada e pelo louco, à margem do sistema cultural instituído.

"UMA DAS MAIORES DESCOBERTAS DO SÉC.XX É PARA MIM SABER ENFIM OLHAR O DESENHO DE UMA CRIANÇA, O ENCONTRO COM A ARTE DOS POVOS DITOS PRIMITIVOS E, POR EXEMPLO, AS EXPERIÊNCIAS (VIA MESCALINA) DE UM HENRI MICHAUX, ISTO SEM ESQUECER MIRÔ OU A JANELA POR ONDE ESPREITAM OS PINTORES DE DOMINGO". – diz Cruzeiro Seixas que, a propósito de loucos, marginais e delinquentes, acrescenta:

"O SOL É FEITO DE DELINQUENTES DE DELITO COMUM, DE GENTES QUE NÃO VÊM BIOGRAFADAS EM PARTE ALGUMA E NUNCA VESTIRÃO RIDÍCULOS FATOS DE BRONZE, NA PRAÇA PÚBLICA".

O ACASO

Sobre as colagens abstractas, faceta inédita da sua obra, o pintor teve oportunidade de dizer o que pensa: "OCORRE-ME QUE A TODOS, ELAS PARECERÃO NÃO TER MUITO A VER COM AQUILO QUE GERALMENTE EXPONHO. SEI NO ENTANTO QUE ME SÃO NECESSÁRIAS (...). JULGO QUE TÊM UM SENTIDO QUASE SECRETO. OU SÃO UMA ESPÉCIE DE ESQUELETO DO MEU TRABALHO MAIS CONHECIDO. MAS DEFINIR NÃO É O MEU FORTE – É TALVEZ O INDEFINIDO O QUE ME DEFINE. ESTAS COLAGENS ACONTECERAM, E É TUDO".

A abstracção só tem sentido para quem acredita nela. Apesar das reticências, ao ponto de raramente a exibir como coisa válida, Cruzeiro Seixas fica surpreendido com o encontro ocasional de duas ou mais formas geométricas, recortadas em cartolinas de cor, que contrastam entre si como elementos de composições cromáticas, motivadas pelo acaso de possíveis acasalamentos de formas poligonais de cores lisas, vermelhas, negras, verdes, azuis e laranjas. Como experiência à margem do seu "trabalho mais conhecido", estas colagens abstractas fazem-nos pensar na atitude dádá de Arp, que explora a lei do acaso na abstracção com a mesma convicção interior com que Cruzeiro Seixas a explora na figuração.

Para o pintor, abrir um livro ao acaso e extrair daí um verso ou um título para uma obra sua é tão importante como viajar ao acaso, sem destino, ao sabor da imaginação, seduzido pelo desconhecido.

"O ACASO É O MEU DEUS!" – diz Cruzeiro Seixas. E tem razão porque toda a sua obra é feita de "acazos objectivados".

Segundo a lei do acaso, os CADÁVRES-EXQUIS de Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e Cesariny proporcionam a conjugação inesperada de três modos divergentes num só desenho colectivo. "A POESIA DEVE SER FEITA POR TODOS, NÃO APENAS POR UM" – Lautréamont

Eurico Gonçalves | texto incluído no catálogo da exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco - e o passeio do cadáver esquisito", Outubro de 2006



Personagem estudando o cometa Halley, Tinta da china s/ papel 29x19 cm 1978
CS 118



Sem título, Têmpera e tinta da China s/ papel 23,5x37,5 cm circa anos 80
CS 38



Dua figuras com rugas, Tinta da China s/ papel 20x16,5 cm circa anos 40
CS 130



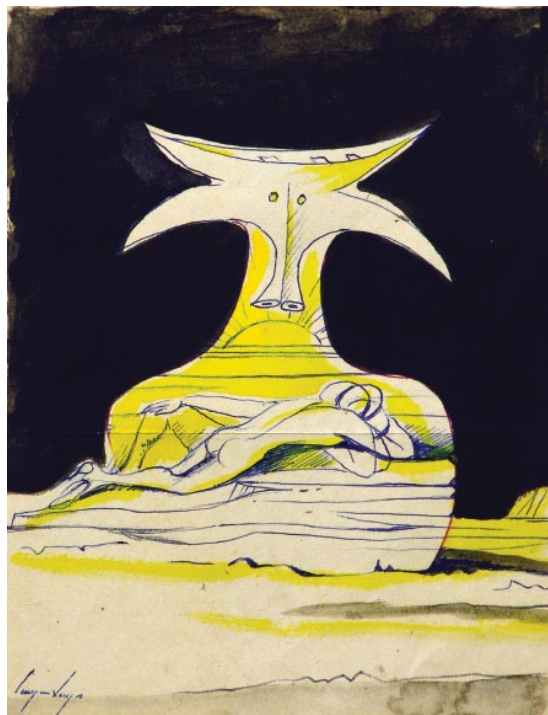
As árvores de um outro mundo Têmpera e tinta da china
s/ papel 21x45 cm
CS 146



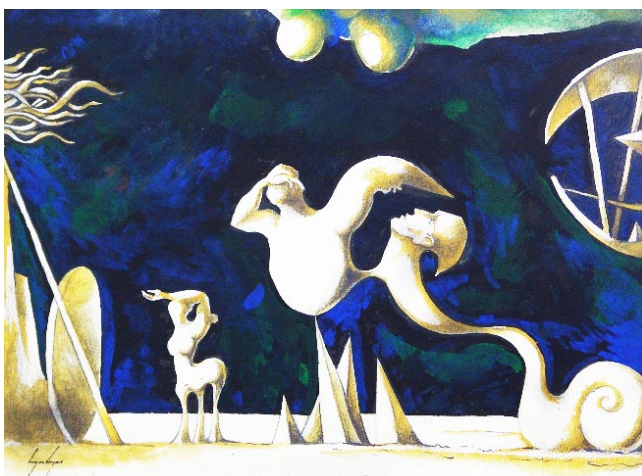
Sem título, Tinta da China e carvão s/ papel 26x20,5 cm
CS 39



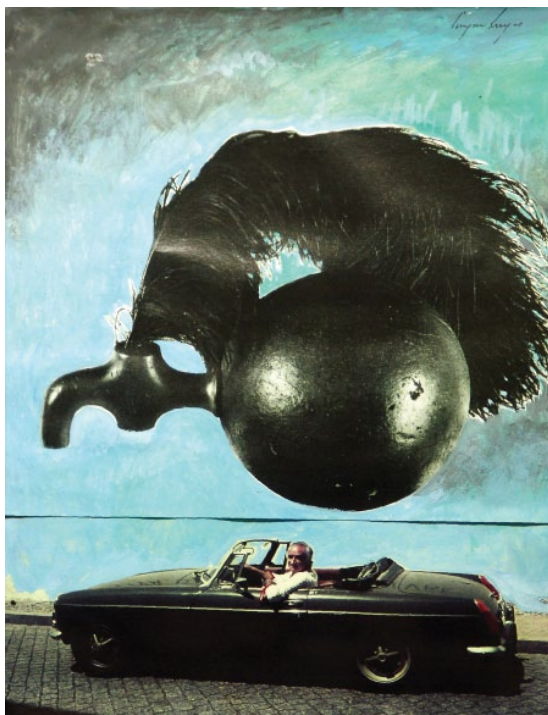
Projecto de Farol, Têmpera e tinta da china s/ papel 40,5x28,5 cm 2000
CS 153



A Luisa, Vizinha das Avenidas Novas, Têmpera e tinta da china s/ papel 19x15 cm 1949
CS 141



Os segredos do vento (projecto para tapeçaria de Portalegre)
Têmpera e tinta da china s/ papel 20x26,5 cm 2004
CS 131



Os meus dois automóveis, Têmpera s/fotografia realizada por Mário Botas 18x24 cm 1974
CS 13



Sem título, (frente), Grafite, tinta-da-china s/ papel 29,5x20,5 cm 1957
CS 62



Estudo para desenho perdido Tinta da china s/ papel 29x39 cm c. 1950
CS 119



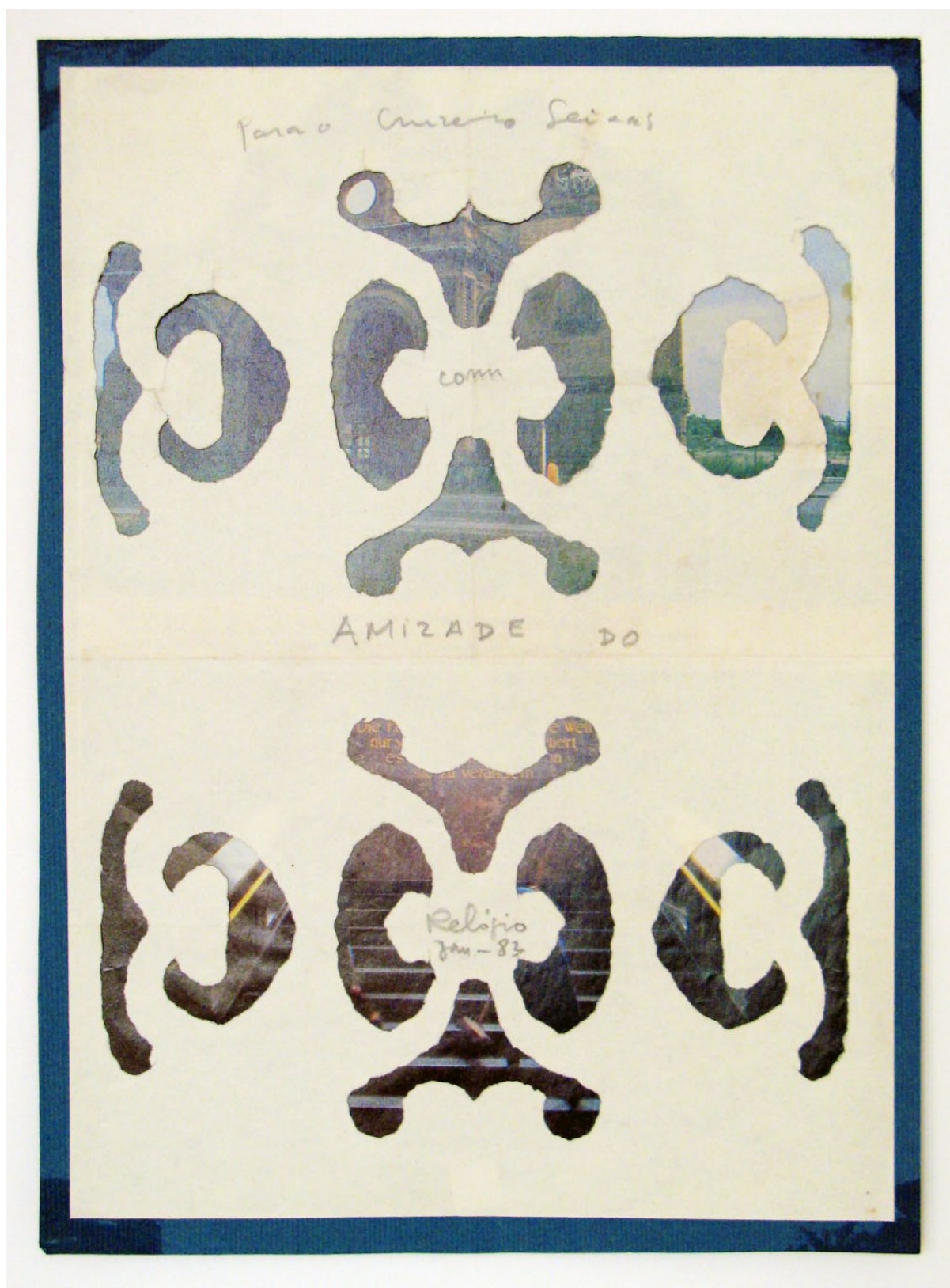
Sem título, Tinta da China e têmpera s/ papel 20,5x14,5 cm 1956
CS 129



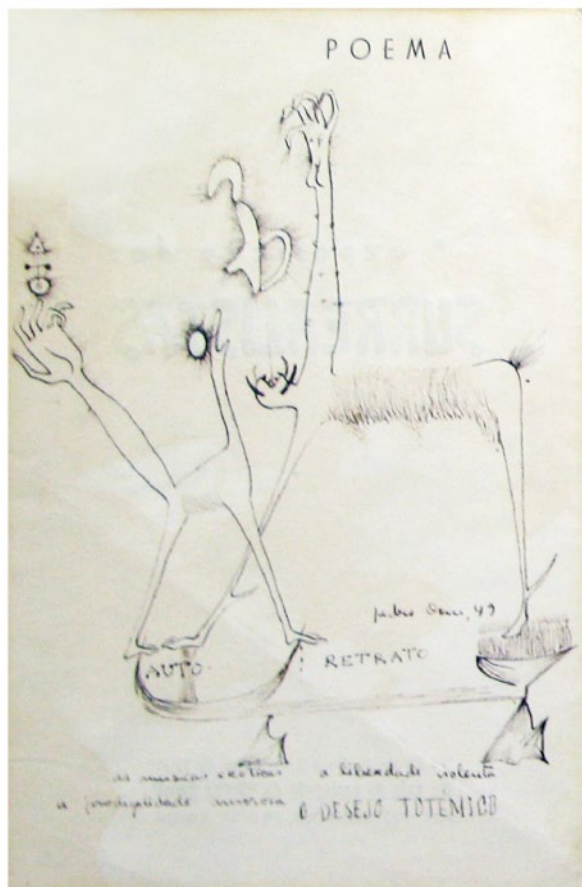
Sem título, Tinta da china sobre papel 13,5x10,5 cm 1947
CS 124



Sem título, Tinta-da-china s/ papel 28x21,5 cm 1955
CS 67



Sem título - Para o Cruzeiro Seixas com amizade do Relógio
Técnica mista e colagem s/ papel 31x22,5 cm 1983
FR 02



1.

1. O desejo totêmico
 2. Les chantes de Maldonor
 3. Sonho doente
- Tinta da china sobre papel
Triptico - realizado nos catálogos
da 1ª Exposição de "Os Surrealistas"
em 1949
14x20 cm (cada)
POOM02



2.

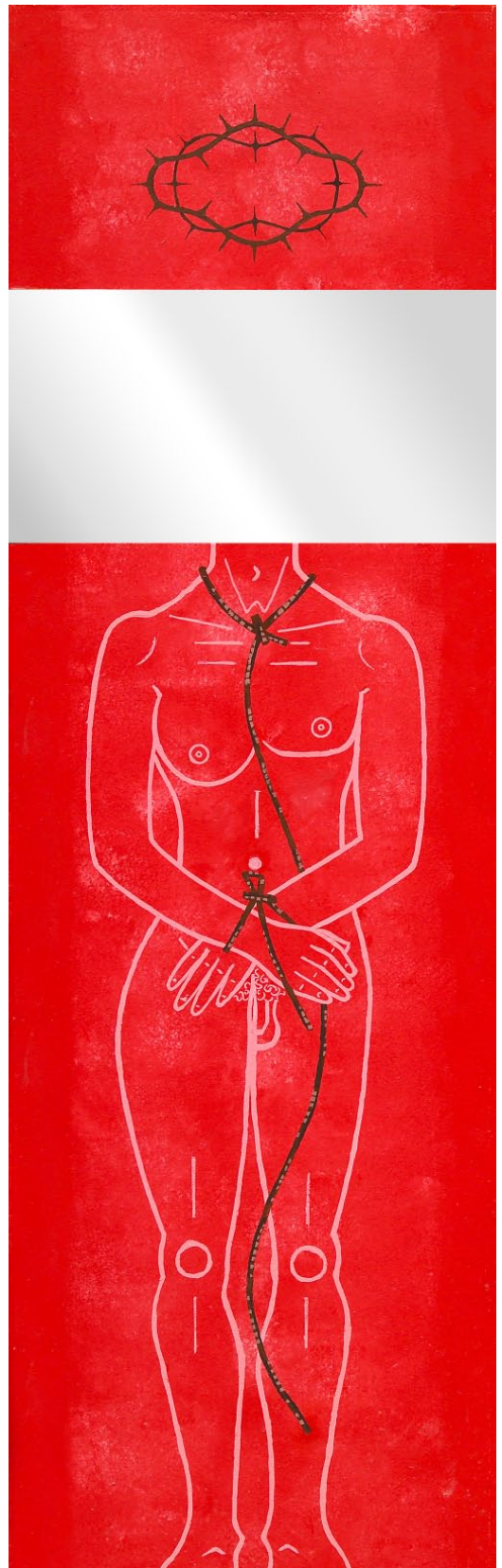


3.

Fernando José Francisco



Sem título, Acrílica s/ madeira, 48x44 cm
FJF 6



Sem título, Acrílica s/ madeira c/ espelho, 200x60 cm 2002
FJF 1

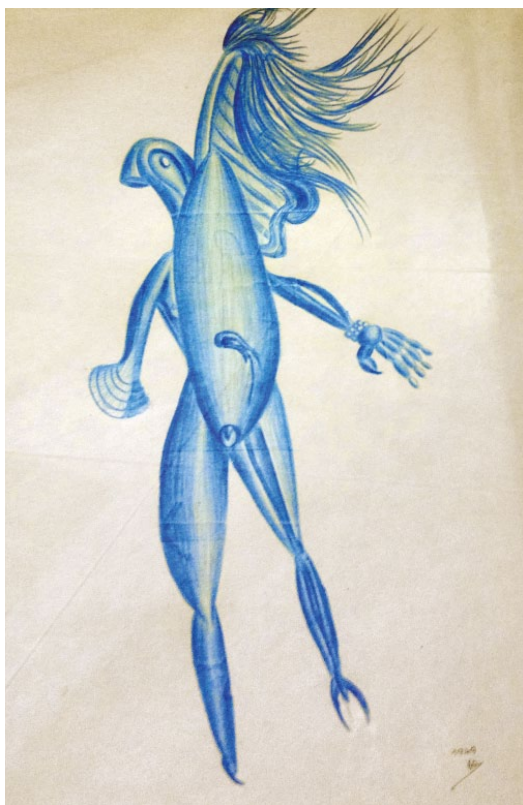
Ciclo evocativo
"Os Surrealistas - 60º aniversário
sobre a exposição inaugural"
Sala da Pathé Baby, Lisboa, 2009



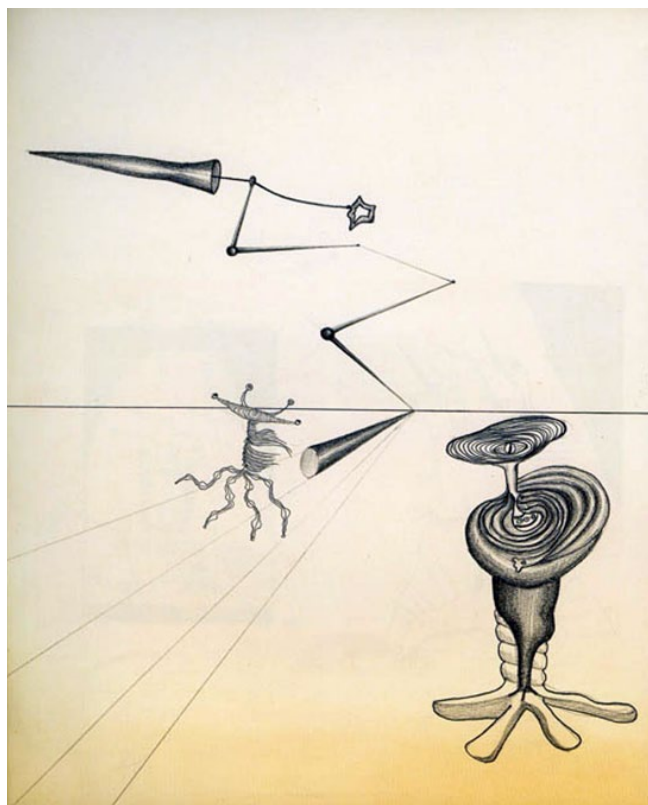
Núcleo central e documental do ciclo evocativo da 1ª exposição de "Os Surrealistas", na antiga sala de projecções da **Pathé Baby** - local mítico junto à Sé Patriarcal de Lisboa onde decorreu essa 1ª exposição em 1949.

Ciclo
"Os Surrealistas"
Pathé Baby
2009





Sem título, Lápis de cor s/ papel, 31,9 x 21,6 cm 1949
RP 6



Sem título, grafite s/ papel 32,9 x 24,5 cm
RP 5



Sem título, Tinta da china e grafite s/ papel 19,5x14,6 cm
RP 12



Sem título, Óleo s/ papel 21,9 x 32 cm
RP 20

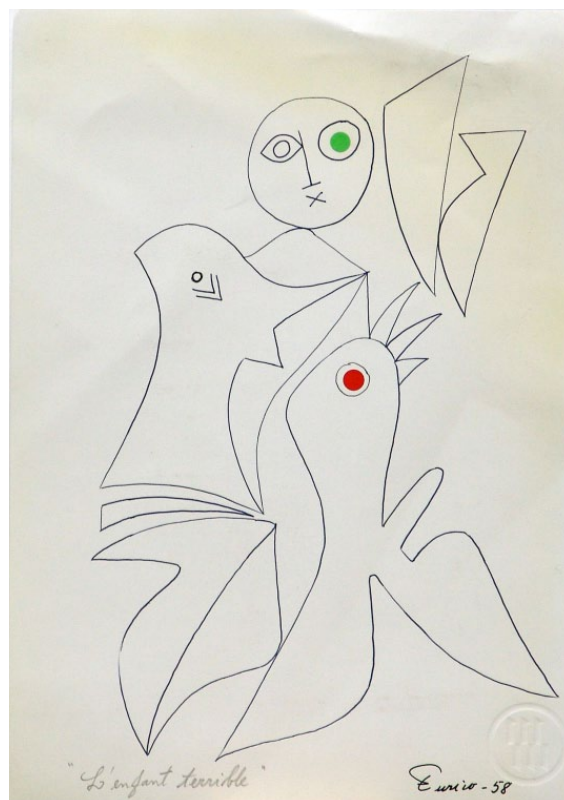
Henrique Risques Pereira



Sem título, Tinta da china e aguarela s/ papel 28,8 x 22,5 cm
RP 29



25 de Abril, Técnica mista sobre papel 42x52 cm 1974
EU 10



Le enfant terrible, Tinta da china e colagem s/ papel 30x20 cm 1958
EU 20



Estou vivo e escrevo sol, Técnica mista s/ papel 76x56 cm 1967
EU 13



Surrealismo | Abjeccionismo 60 anos depois - 1949-2009
Lápis de cor s/ papel 30x20 cm 2009
EU 19

Eurico Gonçalves



Caligrafia, técnica mista s/ papel 76x55 cm 1966
EU 14



Cela s'appelle l'aurore - Homenagem a Buñuel
Delcalcomania 87x61 cm 1965
EU 16



Cintilações - Homenagem a André Masson
Tinta da China s/ papel 22x15cm 1961
EU 29

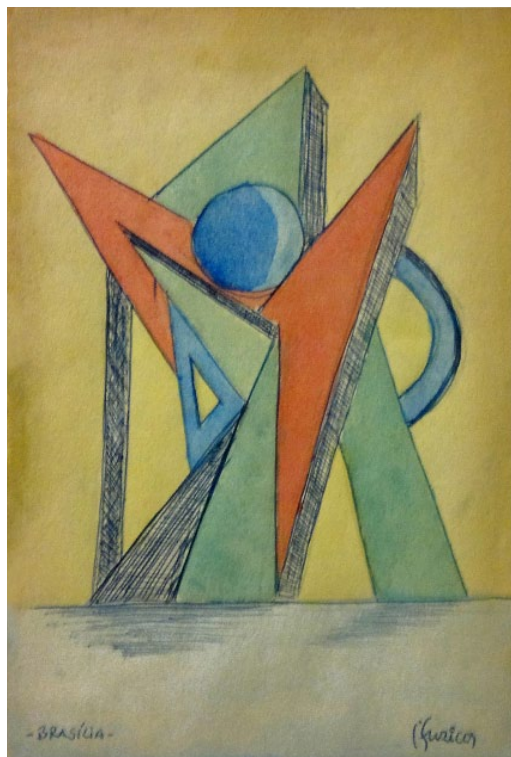


Sem título - Dedicado a Mário Cesariny
Papel recortado (Dimensões variáveis) 1974
JE 01



Sem título - Figuras Tinta da china s/ papel 30x20 cm 1953
JE 03

Carlos Eurico da Costa



Brasília, Técnica mista s/ papel
EC 1



A caminho de Palagüm, Técnica mista s/ papel 28,5 x 24 cm
EC 2

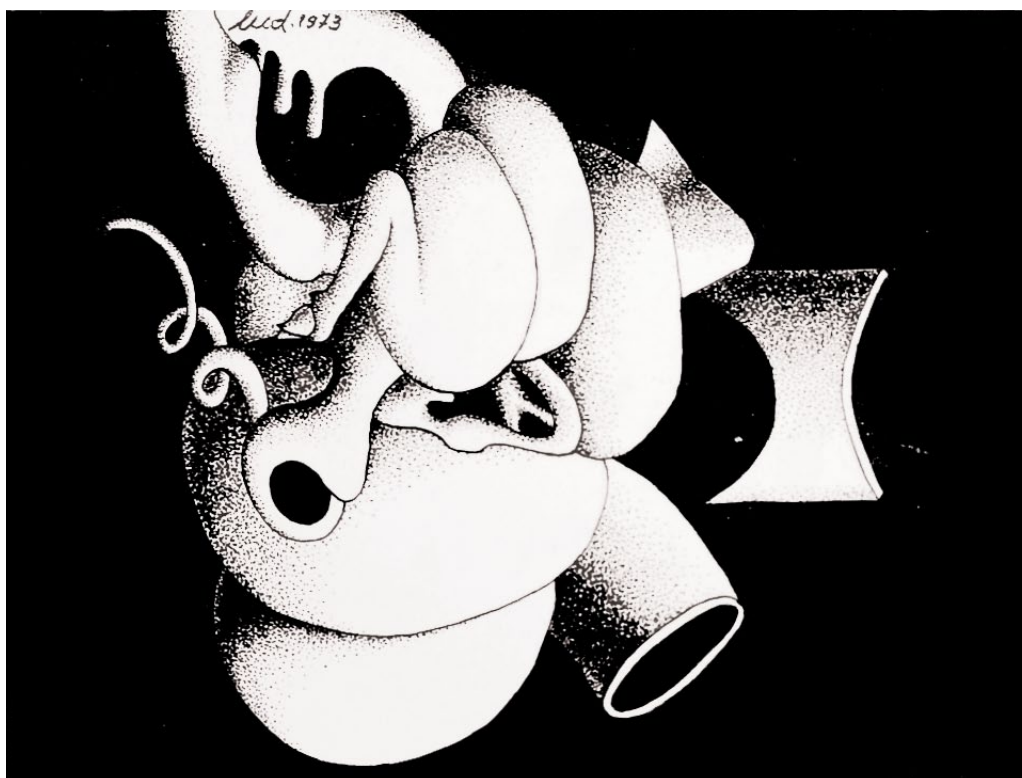


Ilustração p/conto de Pedro Oom - O porquinho que dormia de costas
Tinta da china s/ cartão 9,5x12 cm 1973
LUD 24



Ilustração p/conto de Pedro Oom - O coelhinho que nasceu numa couve
Tinta da china s/ cartão 13x10 cm 1973
LUD 23



Ilustração p/conto de Pedro Oom - O elefante de ouro
Tinta da china s/ cartão 13x10 cm 1973
LUD 25



A morte de D. Inês de Castro
Escultura em pasta de papel pintado
34x23x33 cm 2010
JPC 4



Naquela manhã não fomos à missa
Pasta de papel, tecido e resina acrílica
72x60x48cm 2011
JPC 11



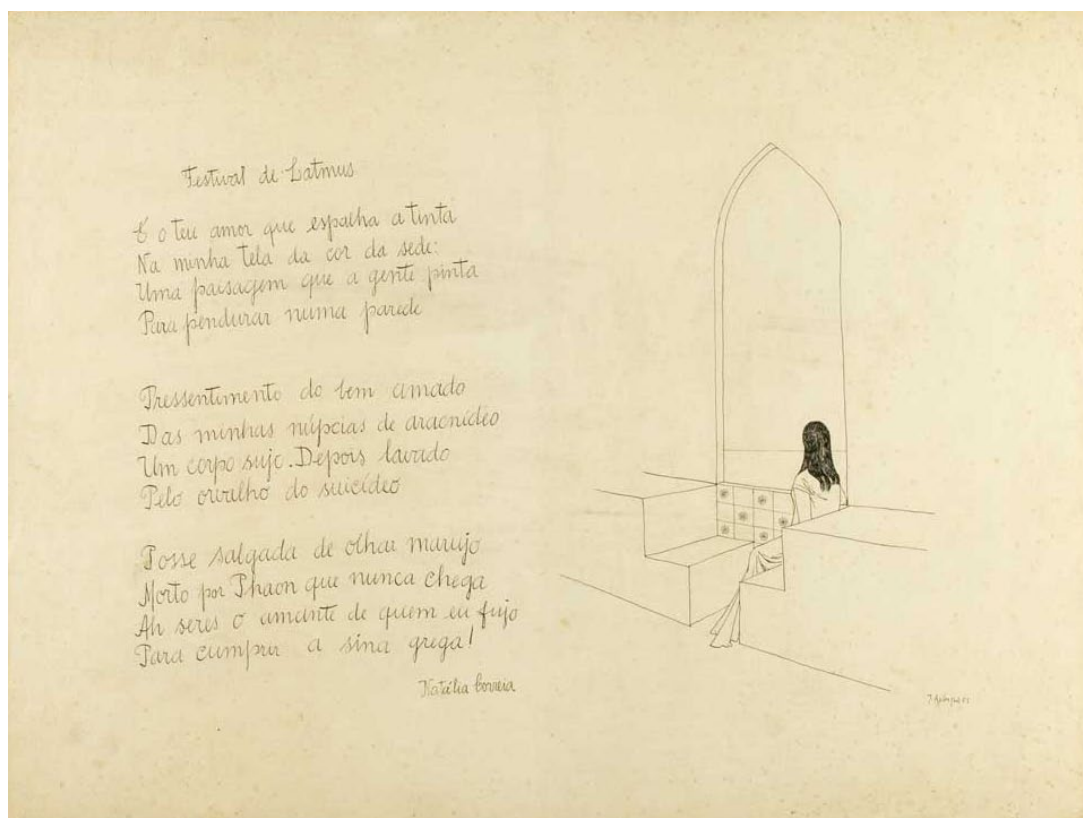
A rotina do dia-a-dia entre um ou outro dia mais agitado
Pasta de papel, metal, tecido e pena natural
170x40x40cm 2011
JPC 12

Êxtase da Virgem
Escultura em pasta de papel pintado
68x21x21 cm 2010
JPC 7



Poema "Entretanto" de António José Forte Tinta da china s/ papel 43x61 cm 1959
JR02

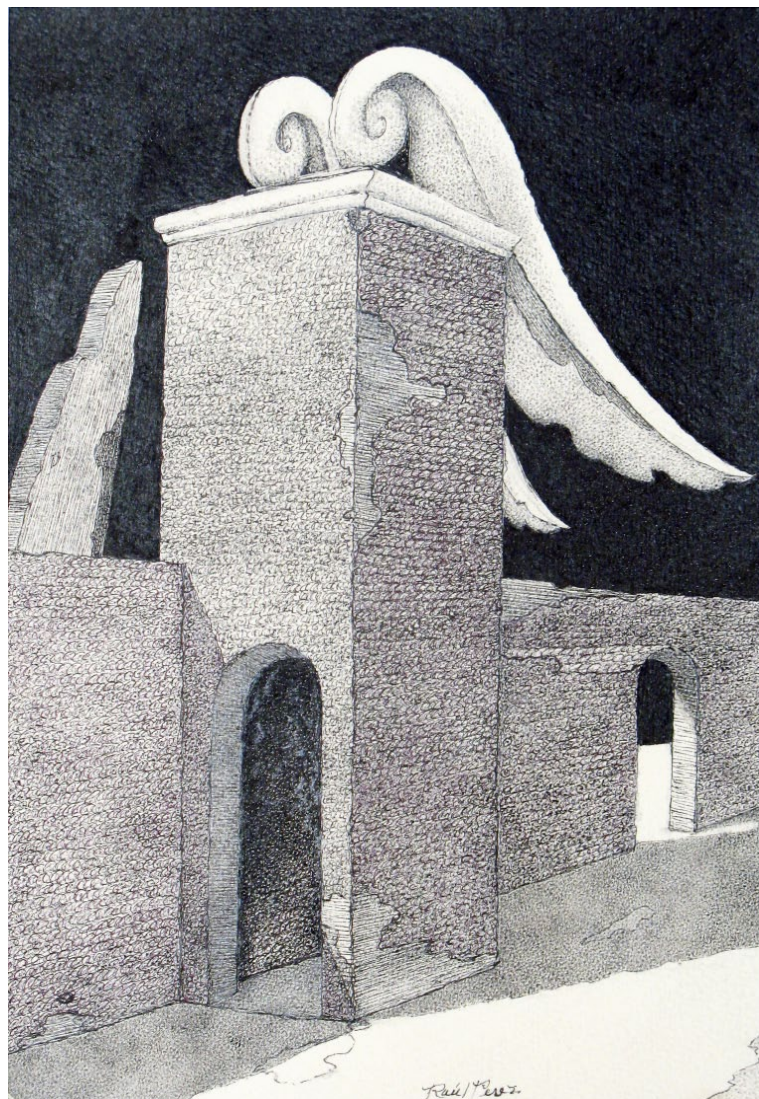
João Rodrigues e Natália Correia



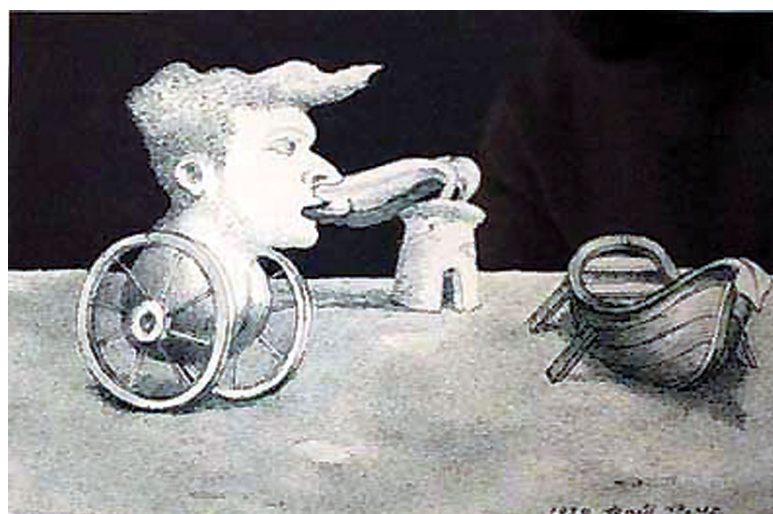
Poema "Festival de Latmus" de Natália Correia Tinta da china s/ papel 47,5x62,5 cm 1959
JR01



Ternura (poema) Caneta e acrílico s/ papel 43x56 cm
NC01



Sem título, Tinta da china s/ papel 20,12,5 cm
RPZ 11



Sem título, Tinta da China sobre papel 13 x 19 cm 1970
RPZ 3



Sem título, Óleo s/ tela 65 x 54 cm 1963
RPZ 7



Sem título, Tinta da china s/ papel 17x19 cm 1974
RPZ 10



Sem título, Tinta da China sobre papel 13 x 19 cm 1968
RPZ 4



Sem título, Tinta da China s/ papel 20 x 30 cm 1975
RPZ 1

Pré-lançamento
Casa da Liberdade - Mário Cesariny
 18 de Junho 2013
Exposição Surreal
 Perve Galeria
 27 de Junho 2013



Dorindo Carvalho e Fernando Grade, em frente às portas de Cesariny



Exposição Surreal, visitante observando obra de Natália Correia dedicada a Mário Cesariny



Vista geral da exposição Surreal com obras de Cruzeiro Seixas e Lud.



Sala de entrada, com visitantes da exposição e portas de Cesariny



Manuel João Vieira e Carlos Zingaro, piso 1

Ficha Técnica

conceito, gestão e curadoria
Carlos Cabral Nunes

design, fotografia e audiovisual
Carlos Cabral Nunes e Carlos Santos

produção executiva e direcção financeira
Nuno Espinho

produção, comunicação e web
Graça Rodrigues

assistência de produção e comunicação
Margarida David

desenvolvimento gráfico
Carlos Santos

execução gráfica
Carlos Santos

textos
Carlos Cabral Nunes, João Lima Pinharanda,
Eurico Gonçalves

direcção artística e produção
Colectivo Multimédia Perve

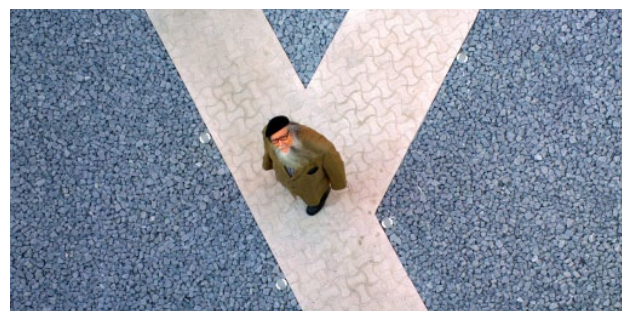
Impressão
Perve Global - Lda.
ISBN: 978-989-97879-7-1



Parqueamento automóvel Portas do Sol
Transportes Metro Sta. Apolónia [Linha Azul] Eléctrico n.º 28
Estacionamento facilitado no Largo da Igreja de S. Vicente de Fora e na zona da Feira da Ladra [excepto 3.ª f.ª e Sábado].

Perve Galeria - Alfama
Rua das Escolas Gerais n.º 17 e 19 1100-218 Lisboa
tel 218822607/8 tm 912521450

Horário: segunda-feira a sábado das 14h às 20h
galeria@pervegaleria.eu | www.pervegaleria.eu



Fernando Grade na Casa da Liberdade



Isabel Meyrelles na Casa da Liberdade

AGRADECIMENTOS

Lurdes Pinheiro, Junta de Freguesia S. Estêvão, Gracinda de Sousa, Henrique Jones, Adelino do Carmo Simões, Vítor Sequeira, Joaquim Antunes, Aurora Nunes, Sofia Andrade, Maria, família Moreira Rodrigues, João António e Dolores Cabral, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles e aos artistas, amigos e clientes que têm participado neste projecto. Profundo reconhecimento a Mário Cesariny de Vasconcelos

Apoio - catering



Parceria



Perve
Galeria
Alfama

CT-29 | Junho de 2013
Edição ©© Perve Global - Lda.
Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.